

ALCIONE RODRIGUES PIRES

***INFOINCLUSÃO*: discursos, representações e práticas de
subjetivação do professor *web 2.0* na cibernímia**

**Dissertação apresentada à Universidade de
Franca, como exigência parcial para a
obtenção do título de Mestre em Linguística.**

**Orientadora: Profa. Dra. Maria Regina
Momesso.**

**FRANCA
2010**

ALCIONE RODRIGUES PIRES

INFOINCLUSÃO: discursos, representações e práticas de subjetivação
do professor *web 2.0* na cibernídia

COMISSÃO JULGADORA DO PROGRAMA DE MESTRADO EM LINGUÍSTICA

Presidente: Profa. Dra. Maria Regina Momesso
Universidade de Franca

Titular 1: Profa. Dra. Ana Cristina Carmelino
UFES - Vitória

Titular 2: Prof. Dr. Juscelino Pernambuco
Universidade de Franca

Franca, 5 março, 2010

DEDICO este trabalho a todos que me incentivaram e acreditaram em mim.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais amados e minha avó querida, pelo apoio incondicional e exemplo;

aos meus amigos do mestrado que sempre me apoiaram;

à minha orientadora, Maria Regina Momesso, por me apresentar leituras que me permitiram crescer como pessoa e como profissional;

e, principalmente, a Deus por iluminar meus caminhos.

Sim, de fato, a “identidade” só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, “um objetivo”; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta.

Zygmunt Bauman

RESUMO

PIRES, Alcione Rodrigues. **Infoinclusão**: discursos, representações e práticas de subjetivação do professor *web 2.0* na cibermídia. 2010. 81f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca, Franca.

Por *infoinclusão* escolar entendemos como a tecnologia utilizada para que haja uma efetiva inclusão social e, por meio, da disponibilização de equipamentos, que serão usados como instrumentos de mobilização social e de educação seja uma forma das pessoas estarem incluídas digitalmente e socialmente. Estar incluído digitalmente significa ter acesso e saber utilizar às tecnologias da comunicação e informação. Na internet encontramos muitas ações para que isso se efetive, como exemplo, portais educativos governamentais e privados, sites especializados, blogs, fóruns e outros dispositivos tecnológicos. A prática discursiva circulante nesses espaços virtuais acerca do professor e das novas tecnologias mostra um educador despreparado para lidar com a internet e, mais especificamente, com a *Web 2.0*. Na primeira geração de Internet o usuário desempenhava papel de espectador nas páginas, não tinha acesso e nem autorização para alteração de conteúdo, fase denominada de *Web 1.0*. Hoje, a via de mão única acabou e os usuários das páginas podem colocar no ar o próprio conteúdo, é a fase *Web 2.0*. A expressão *Web 2.0* ainda não ficou clara para todos e parece precipitação falar em *Web 3.0*. Objetivamos neste trabalho identificar as práticas discursivas e de subjetivação, presentes na *Web 2.0*, com a finalidade de observar os efeitos de sentido no discurso do sujeito professor, mais especificamente em um site que tem como foco principal preparar e orientar o professor a qualificar-se para o ensino e aprendizagem com as novas tecnologias. O *corpus* configura-se de *e-textos* do site educativo *Educarede*. Elegemos como perspectiva teórica a Análise de Discurso francesa, os estudos de Foucault (2007, 2000, 1991) acerca da ordem do discurso e das técnicas de si e para as questões das novas tecnologias e identidade Bauman (1998, 2001, 2005, 2007), Hall (2000); Coracini (2006); Eckert-Hoff (2008). Sobre a educação e internet autores como Belloni (2005, 2006), Brunner (2003) e Silva (2003). Os resultados apontam para um discurso autoritário, prescritivo e objetivador do sujeito professor. O tempo é de mudanças, para pertencer a ele, o sujeito *Professor 2.0* não pode ser um professor humano, deve acoplar ao seu ser as ferramentas da *Web 2.0* que o tornará o *Professor 2.0*. Dessa forma, os professores parecem ser vistos como máquinas que não tem identidade própria, mas sim identificações que podem ser alteradas a qualquer momento dependendo da necessidade vigente.

Palavras-Chave: *Infoinclusão*; *Web 2.0*; Práticas discursivas e subjetivadoras; Análise de discurso.

ABSTRACT

PIRES, Alcione Rodrigues. **Digital Inclusion:** speeches, representations and subjective practices of web 2.0 teachers on cyber media. 2010. 81 pages. Dissertation (Linguistics Master Degree) – University of Franca, Franca.

Digital inclusion can be understood as the technology used to create an effective social inclusion and, by providing equipment which will be used as instruments of social mobilization and of education, become a way of people being socially and digitally included. To be digitally included means to have access and knowledge to make use of information and communication technologies. On the internet, we find many actions to make that effective, for instance, governmental and also private educational portals, specialized websites, blogs, forums and a few others technological devices. The discursive practices found in those virtual spaces about the teacher and the new technologies show an unprepared educator when dealing with internet issues and, more specifically, with Web 2.0. In the first generation of commercial Internet the user only played a spectator role on these pages, with no access or authorization to modify any content, which characterized the Web 1.0 period. Nowadays, this one way street is over, and the web users can put their own contents online: it is the Web 2.0 phase. Still, the term “Web 2.0” is not clear for everyone and it seems too soon to talk about Web 3.0 it. Our objective with this paper is to identify the discursive and subjective practices found on Web 2.0, as to observe the effects of meanings in the speech of the subject teacher, more specifically on a website whose main focus is to prepare and guide the teacher to qualify himself for teaching and learning using these new technologies. The corpus is compound by e-texts from the educational website Educarede, an Educational Portal sustained by Telefônica and supported by the MEC. We elected to theoretic perspective the French Speech Analysis, the studies by Foucault (2007, 2000, 1991), about speech order and about the “self” technics; and Bauman (1998, 2001, 2005, 2007), Hall (2000); Coracini (2006); Eckert-Hoff (2008) to the matter of new technologies and identity. About education and internet, authors such as Belloni (2005, 2006), Brunner (2003) and Silva (2003). The results indicate an authoritarian, prescriptive and objective speech by the subject teacher. This is a time of changes, and in order to belong to it, the 2.0 subject teacher must not be a human teacher, but he has to link to himself all the Web 2.0 tools which shall make him the Teacher 2.0. This way, the teachers seem to be seen as machines with no self-identity, but with many identifications which can be changed at any moment according to present needs.

Keywords: Digital Inclusion; Web 2.0; Subjective and discursive practices; Speech analysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 APORTE TEÓRICO	13
1.1 ANÁLISE DO DISCURSO: quadro geral	13
1.2 FOUCAULT E PÊCHEUX: pontos de encontro e de desencontro	16
1.3 AD: descrever e interpretar acontecimentos	20
2 PRÁTICAS DISCURSIVAS E IDENTITÁRIAS: entre a pertença e a individualidade	24
2.1 PRÁTICAS, DISCURSOS E SUJEITO.....	24
2.2 TECNOLOGIAS DE SI E AS PRÁTICAS IDENTITÁRIAS	32
2.3 NOVAS TECNOLOGIAS, EDUCAÇÃO <i>ONLINE</i> E <i>INFOINCLUSÃO</i>	36
3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	69
GLOSSÁRIO DE TERMOS DA INFORMÁTICA E INTERNET	73
ANEXO A	77
ANEXO B	81

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea tem causado rupturas e mudanças nos paradigmas éticos, científicos e culturais. As novas tecnologias da comunicação e informação (NTCIs¹) foram uma das responsáveis por tais rupturas, provocando a necessidade de os indivíduos de estarem conectados ao mundo virtual da grande rede. Tal necessidade tornou-se imprescindível para manutenção da formação de qualquer profissional e condição prévia para permanecer no mercado de trabalho competitivo.

Assim, a chamada inclusão Digital ou *infoinclusão* escolar, que são práticas desenvolvidas para incluir e promover o acesso das pessoas as NTCIs, tornou-se uma das principais preocupações do governo, da iniciativa privada e da sociedade em geral.

Sabemos que, atualmente, para ser um incluído digital não basta saber utilizar as tecnologias e conhecer suas linguagens, como trocar e-mails, fazer um *blog* ou um *podcast*. Precisamos ter condições econômicas, estruturais, sociais e culturais para que possamos, além de sabermos utilizar as novas tecnologias, usufruí-las de maneira a melhorar as condições de vida.

No caso da educação, além de ter esse acesso, é necessário preparação não só dos alunos, mas também dos profissionais de ensino em relação à ferramenta desejada. O discurso governamental e das entidades privadas se assenta na importância dessa inclusão como um meio de participação do indivíduo no exercício à cidadania. Para tanto, o governo tem apoiado e promovido ações de inclusão com o intuito de garantir às pessoas o acesso aos computadores e à internet. Entre as iniciativas do governo federal podemos citar o Gesac² e o Programa Computador para Todos - Projeto Cidadão Conectado³. O governo do

¹ De ora em diante Novas Tecnologias de Comunicação e Informação será grafada por NTCIs.

² O programa GESAC – Governo Eletrônico – Serviço de Atendimento ao Cidadão, do Governo Federal, tem como meta disponibilizar acesso à Internet e mais um conjunto de outros serviços de inclusão digital a comunidades excluídas do acesso e dos serviços vinculados à rede mundial de computadores. Site de acesso: http://www.idbrasil.gov.br/menu_interno/docs_prog_gesac/i_nstitu_cional/_oqueegesac.html

³ É um Projeto que faz parte do Programa Brasileiro de Inclusão Digital do Governo Federal, iniciado em 2003, mais precisamente a partir da instalação do governo Lula. Tem como objetivo principal possibilitar à população que não tem acesso ao computador de adquirir um equipamento de qualidade, com sistema operacional e aplicativos em software livre, que atendam ao máximo às

Estado de São Paulo também tem se preocupado muito com isso e uma das ações de inclusão são as montagens de Telecentros e cursos de informática para todos, principalmente para a população carente.

Em 1996, foi aprovada a lei nº 9394/96 que torna obrigatória a inserção das novas tecnologias nas instituições de ensino, o que impulsionou os municípios e estados a equiparem as instituições de maneira emergencial. No entanto, essa ação foi realizada, na maior parte das vezes, sem planejamento adequado, e quase sempre a escola passou a ter os equipamentos tecnológicos, mas sem mão de obra qualificada para a sua utilização. Segundo as mídias, houve a ocorrência de muitos casos em que a escola estava equipada, mas não utilizava o equipamento por falta de preparo do professor. Além de muitos equipamentos encontrarem-se obsoletos, em virtude da velocidade alucinante das transformações das tecnologias há também a falta de pessoal qualificado para utilização de tecnologias como as da *Web 2.0*.

Mas o programa nacional de inclusão digital, criado pelo governo federal, para as escolas públicas de ensino básico, é uma iniciativa do poder público que prevê assegurar capacitação pedagógica aos professores para que eles façam a mediação entre as tecnologias e os processos educativos. O objetivo do programa é permitir o acesso das escolas públicas à internet; familiarizar os estudantes com o uso de programas essenciais para o estudo; oferecer aos docentes e discentes alternativas de pesquisas e acesso a outras formas de educação. Tudo isso é realizado com o intuito de possibilitar a troca de informações didáticas e pedagógicas entre as escolas da rede pública de ensino.

Dentre as ações que as instituições privadas e públicas estão promovendo para que ocorra a inclusão digital, escolhemos uma para analisarmos em nosso trabalho. Uma dessas ações de inclusão digital é o portal *Educarrede* (<http://www.educarede.org.br>).

Diante desse cenário, o objetivo principal deste trabalho é identificar as práticas discursivas e de subjetivação, com a finalidade de observar os efeitos de sentido, presentes na *Web 2.0*, mais especificamente no site *Educarrede* que tem como foco principal preparar e orientar o professor a qualificar-se para o ensino e aprendizagem das novas tecnologias. Os objetivos específicos são: a) observar quais práticas discursivas e de subjetivação estão presentes no site *Educarrede*, para

depois, b) analisar os discursos com a finalidade de observar quais os efeitos de sentido e a construção da identidade do *Professor 2.0*.

O *corpus* de análise é o site do portal *Educarede* e dele selecionamos *e-textos* intitulados como: *Sou uma professora 1.0*; *Papel do educador e as mudanças ocorridas com a inserção da tecnologia na escola*; *Papel do educador e as mudanças ocorridas com a inserção da tecnologia na sala de aula*; *Papel do educador e a inserção do computador*; *Eu quero utilizar a Web 2.0*; *Usuária da Web 2.0*; que refletem sobre a *inoinclusão* dos professores na internet e o uso das ferramentas da *Web 2.0*. Esse portal tem o propósito de preparar discentes e docentes para a pesquisa, comunicação, publicação e aprendizagem em rede. Dessa forma, o portal disponibiliza para o internauta canais de comunicação (Comunidades, Internet na escola, Recursos Educativos, Revista *Educarede* e Serviços) e as ferramentas da *Web 2.0*, tais como: bate papo, fórum, galeria e oficina de criação. Percebemos que a proposta da maioria dos *e-textos* presentes no site é a de preparar os professores a utilizarem as ferramentas da *Web 2.0* para a inclusão do professor no mundo digital da educação.

A escolha desses seis *e-textos* foi feita aleatoriamente. Observamos que todos os depoimentos eram parafrásticos no que tange as questões do ensino e das novas tecnologias.

Para trabalharmos com as práticas discursivas e as práticas de subjetivação e a constituição identitária do professor no Portal *Educarede*, elegemos como aporte teórico os postulados da Análise de Discurso de linha francesa. Os estudos de Michel Foucault (2007, 1999, 1991) acerca da ordem do discurso e das técnicas de si. Para questões da contemporaneidade e identidade utilizamos estudiosos da sociologia e da linguagem, tais como: Bauman (1998, 2001, 2005, 2007); Hall (2000); Coracini (2006); Eckert-Hoff (2008). E sobre a educação e internet, os autores Belloni (2005 2006); Brünner (2003); Silva (2003); Santos (2003); Moran (2003) e Peters (1983).

Vale ressaltar que o trabalho se justifica por ser relevante refletirmos sobre o funcionamento discursivo nos meios digitais, uma vez que tais práticas promovem a constituição da identidade do professor na contemporaneidade, e há poucos estudos sobre essa questão.

Dividimos a dissertação em três partes: na primeira tratamos do aporte teórico que é dado pela análise de discurso francesa, fazendo um breve panorama

do seu surgimento, evolução, mudanças e autores que contribuíram para sua formação. Ainda na primeira, finalizamos refletindo sobre os procedimentos de análise propostos por Pêcheux na AD3, em que a análise de discurso é uma teoria de interpretação que parte da observação e reflexão do acontecimento discursivo.

A segunda parte trata da reflexão a respeito dos conceitos de discurso e sujeito, arquivo, sobre as práticas discursivas e identitárias, as práticas de subjetivação, tecnologias de si e as novas tecnologias na contemporaneidade. Ainda na segunda, refletimos sobre as novas tecnologias, a *infoinclusão* da educação e do professor na *Web 2.0*, bem como as representações do ensino e aprendizagem *online*. Na terceira parte, analisamos os *e-textos* do site *Educarrede*, utilizando os dispositivos de análise apresentados nas partes anteriores. Em seguida, fazemos as considerações finais.

1 APORTE TEÓRICO

A primeira parte desta dissertação tem como objetivo central apresentar o espaço teórico no qual nos colocamos para fazer nossas análises: a Análise do Discurso de linha francesa, derivada de Michel Pêcheux (1990, 2006).

1.1 ANÁLISE DO DISCURSO: quadro geral

É relevante conhecermos a história da teoria que será utilizada neste trabalho. Por isso, é imprescindível discorrermos sobre a Análise do Discurso de linha francesa, pois é ela que norteia a pesquisa.

De acordo com Brandão (1995), a expressão “análise do discurso”, doravante (AD), foi cunhada nos anos de 1960-1970 na França, por meio do entrelaçamento de teorias de cunho estruturalista. Seu campo de estudo voltou-se para a análise do modo como um discurso pode ser trabalhado em diferentes áreas. Com o passar do tempo o conceito sobre AD foi se modificando. Hoje ela é questionada e discutida por várias disciplinas que a utilizam como: História, Comunicação, Sociologia, Psicologia, Linguística, etc.

Para Teixeira (2000), a AD surgiu para tentar suprir o que havia sido excluído da abordagem saussuriana. Ela seria como uma nova maneira de lidar com a linguagem, enquanto o discurso prioriza as condições sócio-político-ideológicas. Juntamente com a pragmática e a semântica, o foco eram os enunciados e o sujeito.

De acordo com Brandão (1995), o discurso se resume ao linguístico e ao extralinguístico. Num primeiro momento, o que se estudava era a estrutura do texto, nada exterior a isso. Nos anos 1950, alguns autores como Harris, Jakobson, Benveniste começam a estudar o discurso como disciplina. Mais tarde com Pêcheux começa a se esboçar o estudo do extralinguístico, por meio da AD.

A AD francesa, que escolhemos como base teórica, forma uma teia que faz parte o materialismo histórico, a história da constituição do sujeito, a

linguística, a psicanálise e o marxismo. Na AD o discurso se constitui pela língua, sujeito e história. É considerada por muitos uma disciplina interdisciplinar. Portanto, AD aparece como disciplina de entremeio. A linguagem vai ser estudada não só como um sistema interno, mas também como formação ideológica. Os conceitos nucleares da AD foram construídos por Pêcheux a partir de suas leituras e reflexões a respeito de diversos autores: Althusser com sua releitura do marxismo e ideologia; sujeito (leituras de Foucault, Althusser e Lacan; Foucault com a noção de formação discursiva, interdiscurso, memória discursiva, práticas discursivas, historicidade e discurso; materialidade das formas da língua (leituras de Saussure, Harris e Chomsky); Lacan com as leituras de Freud sobre o inconsciente e Bakhtin tratando a respeito da heterogeneidade constitutiva do discurso.

Michel Pêcheux (1990) dividiu a AD em “três épocas”, cada época reflete assim o momento de embates e reconstruções da teoria AD francesa. Durante esse percurso de mudanças, ele refletiu e organizou a sua teoria. Pêcheux chamava de AD1 o conjunto de discursos de uma determinada época que eram considerados fechados e homogêneos, por isso o nome de maquinaria discursiva. O sujeito era assujeitado, não tinha controle do seu próprio discurso, era o centro. Já o segundo momento é denominado AD2 que observa que o discurso origina-se do exterior, a relação de discursos com outros discursos, fora do seu interior e sim em relação com o exterior. Apareceu a noção de interdiscurso e formação discursiva e veio contestar esse conceito de maquinaria fechada. Nessa fase o conceito de maquinaria discursiva não acabou, mas começou-se a pensar nela em relação com o exterior e interior, então o sujeito continua assujeitado. Já na fase denominada AD3 desapareceu o conceito de maquinaria e aparece a noção de heterogeneidade discursiva. Há uma maior indagação sobre o sujeito. O sujeito não é mais totalmente assujeitado; cai a concepção de homogeneidade e é substituída pela de heterogeneidade. O sujeito passa a ser visto como efeito, incompleto, clivado, atravessado tanto pelo inconsciente quanto pelas circunstâncias histórico-sociais que o cercam. Nessa fase se dá a fusão no discurso do mesmo sobre o outro (alteridade) que é a combinação do mesmo discurso com o outro num mesmo processo discursivo.

Para Ferreira (2005), Althusser quando se refere à ideologia considera o sujeito interpelado por ela e a partir daí como assujeitado o que gera certas

confusões. Entretanto, a partir de 1978, a noção de ideologia será repensada por Pêcheux e a noção de heterogeneidade começa a aparecer.

Para nosso trabalho, algumas definições são muito importantes tais como: formação discursiva, memória discursiva, interdiscurso, arquivo e práticas discursivas. Para tanto vamos fazer um breve quadro desses conceitos fundamentais para a análise de nosso *corpus*.

Para Brandão (1995), formação discursiva é tudo o que pode ou deve ser dito. Em uma FD⁴ temos vários discursos em uma única e embora ela determine “o que deve e pode ser dito” para conseguir uma homogeneidade discursiva, as contradições ideológicas aparecem dentro do discurso. Em um discurso há várias FDs, mas uma é dominante.

Toda formação discursiva tem a presença de diferentes discursos, é o que chamamos de interdiscurso. Segundo Coracini (2007, p.9) o interdiscurso compõe-se dos:

[...] fragmentos de múltiplos discursos que constituem a memória discursiva – que não deve ser confundida com memória cognitiva -, fragmentos esses que nos precedem e que recebemos como herança e que, por isso mesmo, sofrem modificações, transformações. [...] o interdiscurso são inúmeras vozes, provenientes de textos, de experiências, enfim, do outro, que se entrelaçam numa rede em que os fios se mesclam e se entrecem. Essa rede conforma e é conformada por valores crenças, ideologias, culturas que permitem aos sujeitos ver o mundo de uma determinada maneira e não de outra, que lhes permitem ser, ao mesmo tempo, semelhantes e diferentes. Essa rede, tecido, tessitura, texto, melhor dizendo, escritura se faz corpo no corpo do sujeito, (re)velando marcas indelévels de sua singularidade.

É por meio do interdiscurso que podemos perceber as tramas discursivas que teceram o sujeito e sua identidade, pois o sujeito é constituído na e pela linguagem, na tessitura dessas vozes provenientes de textos, de experiências, enfim, do outro. É através do interdiscurso que podemos perceber a memória discursiva, a relação que há entre discursos considerados “novos” e outros mencionados antes.

A memória discursiva produz lembranças ou esquecimentos, a reiteração ou o silenciamento dos enunciados. O que está implícito aparece como memória de um grupo. No nosso trabalho a ideia que está implícita é a de professores que devem sempre estar prontos para mudanças e sempre atualizados, ou seja, a ideia do portal é a de formar professores prontos para lidar com as

⁴ Doravante Formação Discursiva por FD.

ferramentas da *Web 2.0*. No entanto, essa prática discursiva sempre existiu, em cada evolução tecnológica a prática é sempre a mesma: o indivíduo deve adaptar-se, dominar a tecnologia nova, acompanhar a evolução.

Também trabalhamos com o conceito de sujeito de Foucault (2007) e o discurso. Para o teórico, o sujeito não é um indivíduo, é uma função sujeito, ou seja, só se constrói a partir das práticas discursivas que o circundam. Para ele o discurso que se profere, está na ordem das leis e é sempre um “já dito”, nada que se diz é totalmente novo, há um outro discurso atrás disso.

De acordo com Foucault (2007, p. 133), prática discursiva:

é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa.

As práticas discursivas são sistemas que instauram o enunciado como acontecimento. A partir dessas práticas podemos perceber determinadas regras que nos impede ou permite fazer parte de um determinado grupo. A partir das nossas análises para fazer parte do grupo digital, *Web 2.0* o sujeito professor precisa dominar as ferramentas da *Web 2.0*.

O trabalho exposto até aqui foi feito na tentativa de esboçar algo a respeito sobre a AD francesa e alguns conceitos que serão de grande valia para o trabalho.

No próximo item, tratamos dos pontos de divergência e pontos de encontro entre Michel Foucault (1986, 1991, 1995, 1997, 2000, 2007) e Michel Pêcheux (1990, 2006), grandes filósofos que fizeram história e tiveram muita importância dentro da AD.

1.2 FOUCAULT E PÊCHEUX: pontos de encontro e de desencontro

Há vários pontos na teoria de Michel Foucault (1986, 1991, 1995, 1997, 2000, 2007) que entram em divergência com a teoria de Michel Pêcheux (1990, 2006), mas há também pontos de encontro. Vamos refletir, brevemente, sobre isso.

Michel Foucault (1986, 1991, 1995, 1997, 2000, 2007) e Michel Pêcheux (1990, 2006), alunos de Althusser, são adeptos das mesmas teorias, mas pensam de maneira diferente sobre elas. É por meio da teoria sobre as quais os autores refletem que surgem os confrontos, as lutas políticas e teóricas de ambos. São nas ideias sobre as propostas althusserianas que eles se situam diferentemente.

No contexto histórico dos anos de 1960-1980, Foucault (1986, 1991, 1995, 1997, 2000, 2007) e Pêcheux (1990, 2006) tiveram outro olhar para o discurso, outro olhar para o sujeito, sentido e história. Alguns conceitos da AD francesa que os dois sempre colocaram como foco de suas discussões é o que vamos observar nesta parte.

De acordo com Gregolin (2006), num primeiro momento, Foucault estuda a arqueologia das ciências humanas; num segundo momento, são as práticas de poder, quando observa as instituições como controladoras das pessoas. Num terceiro momento, estuda as técnicas de si, a subjetivação e a ideia de identidade. O objeto, nesse terceiro momento, é o sujeito enquanto objeto de poder, saber, construção identitária.

No primeiro momento Foucault está ligado às ideias estruturalistas, já quando escreve “Arqueologia do Saber” começa a questionar tais ideias. Nos seus estudos sobre o século XIX, Foucault começa a observar as técnicas disciplinares. Nesse momento pensa que todas as instituições querem produzir um sujeito que seja regrado, obediente a tudo que as instituições desejam.

A autora (2006) observa que Pêcheux é um filósofo que não separa teoria e política. Para o teórico a teoria deve ter uma intervenção na luta de classes e tudo se liga a uma ideologia, pois em Pêcheux há uma posição ideológica: as palavras mudam de acordo com a luta de classes e da representação de quem fala. Por outro lado, Foucault não pensa em ideias marxistas como ideologia, nem em luta de classes. Para esse filósofo o sujeito é uma função, ocupa uma posição em relação aos jogos de verdade e às relações de saber e poder. Pêcheux estava ligado com à ideologia, já Foucault não. Este se ligava ao saber e poder. Queria saber como o discurso se estabelecia. Não importava se os conteúdos eram verdadeiros ou falsos. Pêcheux acreditava que existiam aparelhos ideológicos do estado, “classes”, que posicionavam o que o indivíduo ia falar e de onde; já Foucault acreditava que existia “poder”, “micro-poderes”.

A partir de 1980, Pêcheux passa por crises políticas. A morte de Althusser levou-o a aproximar-se das teses de Foucault e da história. Houve crise no marxismo e no estruturalismo. Depois de 1980, Pêcheux propôs que a AD estudasse campos não estabilizados logicamente; como o filosófico, o político e os relatos do cotidiano. Depois do desaparecimento dos filósofos, a AD passou a ser estudada no intradiscursivo e não como antes na relação entre a língua e a história.

Como vimos nessas considerações, as críticas de Pêcheux (1990, 2006) e Foucault (1986, 1991, 1995, 1997, 2000, 2007) são mais políticas que teóricas. Eles não estão em oposição nas teorias, mas sim em complementaridade, são apenas diferenças e não oposições.

No nosso trabalho, há um bom exemplo para observarmos os “micro e macro-poderes” da perspectiva de Foucault; é o *Professor Web 2.0*, aquele que precisa saber utilizar as ferramentas da *Web 2.0*. O poder estaria no macro, na sociedade e os micro-poderes em cada instituição de trabalho. O professor está ligado ao poder que a instituição exerce sobre ele ou ao que o mercado de trabalho exige dele hoje. O discurso que aparece no momento é o do professor que deve dominar as novas tecnologias, outros, que não as dominam são relegados a uma posição marginal.

Algumas noções que utilizamos da teoria de Foucault (2007) são importantes para nosso trabalho como; formação discursiva, arquivo e práticas discursivas. A seguir tratamos delas.

Para Foucault (2007, p. 43) teremos formações discursivas:

Sempre que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão e se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições, funcionamentos, transformações) entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas.

A formação discursiva (FD) é o lugar onde se constitui o sentido. O sujeito se reconhece em si próprio e no outro. Todas as FDs têm uma função. A formação discursiva é vista como heterogênea, pois alguns saberes geram conflitos, e ela está sempre em constante movimento, cruzando-se e modificando-se. O sujeito dentro dela não é livre, neutro, independente. Dentro de uma FD ocorrem as práticas discursivas e a partir daí o sujeito constrói sua identidade. Nesta etapa o conceito de arquivo é relevante. Ele é o lugar onde aparecem as diversas formações discursivas e onde os enunciados são explorados e contextualizados.

O *arquivo* define Foucault (2007, p. 149-150):

é a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. É o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, não se inscrevam numa linearidade sem ruptura e não desapareçam ao simples acaso de acidentes externos. Ao contrário, se agrupem em figuras distintas e se componham umas com as outras segundo regularidades específicas. O arquivo é o sistema de *enunciabilidade* e de *funcionamento*, pois faz aparecerem regras de uma prática que permite aos enunciados subsistirem e, ao mesmo tempo, se modificarem regularmente. *É o sistema geral da formação e da transformação dos enunciados.*

Não entendemos arquivo aqui como documentos antigos de determinada época, mas sim como relações que determinam o sistema discursivo. No arquivo nascem múltiplos enunciados passíveis de manipulação. É a partir dele que emergem as regras de uma prática que determina como o enunciado vai ser imposto ou modificado. Os enunciados são transformados e formados por esse sistema.

Dentro desses conjuntos de arquivos, o sujeito diz o que deve dizer para poder inserir-se em um determinado grupo. Através das práticas discursivas que são sistemas que instauram o enunciado como acontecimento, o sujeito entra ou fica em determinado lugar ou posição. De acordo com Gregolin (2006), as FDs determinam o que pode e deve ser dito dentro da ordem do discurso. O “saber” regula o que se pode falar dentro das práticas discursivas e a partir daí o espaço que o sujeito pode ocupar dentro do discurso. Em relação ao objeto de pesquisa, se o professor quiser fazer parte dos *Professores 2.0*, precisa se atualizar em relação às NTCIs e falar a mesma linguagem do grupo pertencente a elas.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), uma questão muito enfatizada é o uso efetivo das novas tecnologias. Em todos os PCNs há pontos direcionados à tecnologia e com isso o professor se sente no dever de saber lidar com a mesma. Dentro do portal *Educarde*, que se constitui como parte de um arquivo maior como as leis de diretrizes e bases é o espaço onde uma voz orientadora faz emergir conselhos para os professores de como lidar com as ferramentas exigidas. No portal é necessário saber lidar com as da *Web 2.0*, do contrário não estará dentro dos parâmetros curriculares e com isso será um profissional obsoleto.

Os conceitos acima citados são essenciais para o entendimento do nosso trabalho. Tentamos resumidamente explicitar alguns pontos em comum e de

desencontro entre os dois filósofos, Pêcheux (1990, 2006) e Foucault (1986, 1991, 1995, 1997, 2000, 2007) e tratar de alguns conceitos de grande valia para nosso trabalho.

1.3 AD: descrever e interpretar acontecimentos

Nesta parte pretendemos refletir sobre os procedimentos da AD que mostra a abertura desta teoria para outros discursos, o midiático e, também, para as possibilidades de análise e seus procedimentos e o texto.

Durante um tempo se analisava apenas a estrutura da língua, ou seja, o próprio texto. Então, Michel Pêcheux (2006), que teve uma grande importância para AD, propôs analisar o discurso como acontecimento histórico, com as condições de produção marcadas no texto, através dos entremeios, das entrelinhas.

Com base nas palavras de Gregolin (2006a), Pêcheux analisava o discurso através de jogos enunciativos, ou seja, esses enunciados eram sempre habitados por outros enunciados. Ele era heterogêneo e se relacionava sempre com outros. E através disso podia se perceber a sua historicidade.

De acordo com a autora, Foucault observa que nenhum enunciado é neutro, livre; sempre está em relação com outros no jogo enunciativo.

Por isso, a AD analisa o enunciado como acontecimento discursivo. Questiona-se porque este apareceu em um momento específico e não em outro, pensa-se na condição histórica dele.

Para Foucault (2007), o enunciado não é totalmente novo e nem totalmente velho. Há uma singularidade e uma repetição; ele estabelece relação com o passado e com o futuro. E através desses enunciados aparece a posição de sujeito que dependendo do momento em que estiver, ocupa uma colocação diferente, uma identidade diferente. Na verdade esses discursos que aparecem são objetos de lutas políticas.

De acordo com o autor, através do enunciado podemos pensar em acontecimento discursivo, ou seja, como apareceu um determinado enunciado e não outro em seu lugar; e desta forma percebemos que o enunciado é único,

mas está à mercê de mudanças, de repetições. Por isso, é importante nos atermos ao momento em que ocorre tal enunciado, para que possamos perceber os traços de mudanças.

Através dos depoimentos e das considerações postas no portal *Educarrede*, percebemos que as primeiras discussões sobre o *Professor 2.0* estavam relacionadas ao despreparo de professores em relação às ferramentas da *Web 2.0*, e esses professores eram intitulados *Professor 1.0*. A partir das ferramentas da *Web 2.0*, veio emergir o nome *Professor 2.0*, que é aquele que interage perfeitamente com essas ferramentas, mas apesar disso, o portal anuncia que já existe outro modelo de professor: o *Professor 3.0*, que ainda está em construção.

Podemos através desses modelos de professores, perceber as formações discursivas presentes: antes, nas revistas o *professor nota dez* era o melhor, depois apareceu o *professor do mês*, agora é o *professor 2.0* e em breve será substituído pelo *professor 3.0*. Através desses títulos podemos perceber que sempre houve discussões a respeito da atualização de professores, mas em épocas diferentes ou em momentos diferentes.

Na verdade, falar sobre o enunciado é vê-lo como acontecimento em determinado espaço, tempo e lugar. Dentro de FDs percebemos como esses enunciados são organizados.

O discurso para Foucault (2000) é algo complexo e precisa de árduo trabalho, não é apenas um conjunto de signos que carrega vários significados; é muito além. Para ele, olhar para o discurso é manter a sua relação com a história; é ir além das frases, das palavras.

A partir dos discursos presentes no site sobre o *Professor 2.0* observamos que há uma historicidade entre eles. Todos os discursos a respeito de reciclagem e atualização exigem uma só coisa: que os professores se aperfeiçoem através de alguma ferramenta divulgada pelos meios de comunicação.

Foucault aponta em uma de suas investigações (2007, p. 56) que:

[...] gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as

coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. [...] não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos. Mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever.

O discurso como afirma o teórico acima, é feito de regras e através delas o sujeito torna-se pertencente a alguma prática discursiva. Conforme Pêcheux (2006), dentro do discurso há “um real”, que são pontos do impossível, e há um espaço que determina onde estamos. Não podemos estar ao mesmo tempo em vários lugares. Proferimos um discurso dentro de um determinado lugar. Esse discurso em um lugar diferente vira outro discurso e com outro intuito de significação.

Para Pêcheux (2006, p. 43), a interpretação:

É supor que – entendendo-se o “real” em vários sentidos – possa existir um outro tipo de real diferente dos que acabam de ser evocados, e também um outro tipo de saber, que não se reduz à ordem das “coisas-a-saber” ou a um tecido de tais coisas. Logo: um real constitutivamente estranho à univocidade lógica, e um saber que não se transmite, não se aprende, não se ensina, e que, no entanto, existe produzindo efeitos.

Nesse momento, a ideia de estruturalismo, onde há uma forma de real ligado com a linguagem e a história, começa a aparecer. Outras práticas de leitura começaram a se observar; analisava-se porque as coisas eram ditas de uma forma e não de outra; porque se estava em tal lugar e não em outro. Houve uma preocupação com os “não-ditos nos já ditos” e com a questão do inconsciente.

Emerge nesse instante a interpretação estruturalista, como o próprio nome já diz; é visto a estrutura das palavras, como dizer um enunciado de uma forma e não de outra forma. Mas, nessa mesma época houve uma reviravolta no pensamento e na teoria de vários estudiosos, inclusive de Michel Foucault. Surge também o interesse na análise de discursos comuns, ordinários e dentro desses discursos se analisava qualquer tipo de discurso.

A análise estruturalista do enunciado não adotava esse tipo de análise, já a AD trabalha com o que está nos entremeios dos enunciados, sejam eles quais for. A interpretação de um enunciado se dá juntamente com a história, com a

memória. Para a AD é importante o lugar e o momento em que se enuncia. Na verdade, na interpretação há uma memória histórica, o que se deve dizer ou não.

De acordo com Gregolin (2006a), a relação entre o discursivo e o histórico trouxe conceitos que já vimos em nosso trabalho como práticas discursivas, arquivo, etc. No início do ano de 1980, vários conceitos foram repensados e modificados. Nesse momento houve mudanças políticas, tecnológicas; crise do estruturalismo e desaparecimento dos principais nomes da AD.

E a partir dessas aberturas para analisar o discurso é que analisaremos o discurso midiático digital.

A partir dos *e-textos* presentes no portal, percebemos a influência da mídia sobre os discursos. A mídia é o espaço onde as instituições apontam o que é tido como “certo” ou “errado”, “verdadeiro” ou “falso”. Nesse espaço é criado o discurso que interessa a ela. No *corpus* observado, todos os professores que não sabem lidar com as ferramentas 2.0 ou que não estão dispostos a aprender a lidar com as mesmas são excluídos do grupo. O discurso presente no portal não deixa dúvidas: ou aderem às novas tendências ou ficam de “fora da discussão”.

2 PRÁTICAS DISCURSIVAS E IDENTITÁRIAS: entre a pertença e a individualidade

Nessa parte da dissertação, tratamos do conceito de sujeito sob a ótica discursiva, enfatizamos as noções foucaultianas de acontecimento e práticas discursivas que corroboram para constituição do sujeito. Em seguida, refletimos sobre as práticas discursivas acerca do sujeito na contemporaneidade, que segundo Bauman (2007), o momento presente nos coloca sempre um paradoxo: ser individual e ao mesmo tempo ser social, pertencer a um grupo, a uma tribo, fazer parte do grupo social que se destaca dentro de uma dada sociedade. Refletimos sobre as técnicas de si e as práticas de subjetivação por entendermos que muitas das ferramentas da *Web 2.0* configuram-se como tecnologias e práticas do eu na contemporaneidade. E, para finalizar, refletimos sobre as novas tecnologias, a *infoinclusão* da educação e do professor na *Web 2.0*, bem como as representações do ensino e aprendizagem *online*.

2.1 PRÁTICAS, DISCURSOS E SUJEITO

Trabalhamos os conceitos de discurso e de sujeito em uma perspectiva discursiva francesa e com a contribuição de alguns autores como Foucault (1986, 1995, 1997, 2000, 2007), Hall (2000), Zygmunt Bauman (1998, 2001, 2005, 2007), Gregolin (2006), Orlandi (1987).

Foucault (2007, p. 161) designa discurso como:

[...] o conjunto das coisas ditas, as relações, as regularidades e as transformações que aí se podem observar, o domínio em que certas figuras, em que certos entrecruzamentos indicam o lugar singular de um sujeito falante e podem receber o nome de um autor. “Não importa quem fala”, mas o que ele diz, ele não o diz de um lugar qualquer”.

O autor (2000) ainda aponta que o começo do discurso é sempre difícil, mas não é impossível porque está na ordem das leis. A produção do discurso é

selecionada e não se pode dizer tudo o que se quiser. O discurso é considerado um objeto de poder. Nele é importante o que dizemos, ele é sempre um “já dito”. Tem que haver regras, seguir regras para dizer algo.

Na verdade, o sujeito constrói sua identidade de acordo com o discurso que profere. Quando proferimos um discurso deixamos índices de que pertencemos a um grupo que tem um discurso semelhante e somos excluídos de outros grupos que destoam desse discurso.

O discurso é regulado, não se pode dizer algo em qualquer tempo ou lugar; tudo depende da ordem do discurso imposta pelas relações sociais, relações de saber e poder, pelos jogos de verdade. As palavras formulam discursos, que por sua vez, pelo seu poder, criam outros discursos. Elas não são neutras, ao contrário, são atravessadas por esses discursos. São as palavras que instituem “verdades”, ou “efeitos de verdade”, criam modelos, identidades, criam sujeitos.

Segundo Foucault (1995), o que interessa não é a verdade em si nos discursos, mas sim, perceber como os efeitos de verdade aparecem neles. Para ele não existe uma verdade única, estável, fixa; ela é construída de acordo com determinados interesses e momentos para se formar um determinado discurso. Para o autor, os discursos e os sujeitos estão em relação de poder.

A busca por essa verdade é o que o sujeito quer no discurso e nesta busca há relações de poder. Para Foucault (1997), não há como perceber diferenças entre o que é velho e o que é novo. A identidade não se faz só de coisas novas, o velho sempre permeia o novo, está ali presente. Ao pensarmos em nosso *corpus* de análise podemos inferir que o discurso do professor é sempre atravessado por outros discursos, o “já dito”, e esses discursos constroem a identidade dos mesmos.

Orlandi (1987, p.125), numa perspectiva pecheutiana, aponta que o acontecimento discursivo, o seu funcionamento é “a atividade estruturante de um discurso determinado, por um falante determinado, para um interlocutor determinado, com finalidades específicas”. Esse funcionamento se dá através da ideologia e suas condições de produção. A língua através desse funcionamento possibilita diversas interpretações. E Pêcheux (2006) ainda reitera que todos os discursos ancoram-se em condições sócio-históricas e a partir daí eles fazem sentido.

Gregolin (2006), numa perspectiva foucaultiana, acrescenta que o acontecimento discursivo acontece através do arquivo. Explicita que nesse enfoque,

Foucault (2007) aplica o método arqueológico que quer analisar o discurso, cada palavra, cada texto observando que nunca são idênticos; analisar esses discursos em suas condições histórico-sociais, ou seja, porque alguém escolhe um enunciado e não outro.

Assim, para a AD, o sujeito é um ser social (sujeito discursivo) e atravessado pelo inconsciente, que se constitui na linguagem e pela linguagem.

Com base nas palavras de Foucault (1986, p. 61-62):

O discurso, assim concebido, não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos.

Dessa forma, o sujeito foi constituído por longos, árduos e conflituosos acontecimentos discursivos, epistêmicos e práticos. Sob a ótica de Foucault: não existe sujeito e sim uma função sujeito. Para ele, o sujeito não é algo sempre dado, mas constituído de práticas discursivas, sociais, etc. Tornamo-nos sujeitos através de modos de subjetivação, modos de transformação, por nós mesmos e pelos outros. O sujeito é, então, o resultado de uma prática, é sempre fabricado. Portanto, podemos inferir que uma das formas de fabricação do sujeito pode encontrar-se na forma como a cultura midiática trabalha o discurso.

Conforme Lima, Pinto, Laia (2002, p. 25):

a teoria do discurso está intimamente ligada à questão da constituição do sujeito social. Se o social é significado, os indivíduos envolvidos no processo de significação também o são e isto resulta em uma consideração fundamental: os sujeitos sociais não são causas, não são origem do discurso, mas são efeitos discursivos.

O sujeito é um ser descontínuo e disperso, pois o sujeito da linguagem não é um sujeito em si. Através dele, conseguimos perceber outros dizeres.

Se nos voltarmos à filosofia grega, veremos que na Antiguidade não há noção de sujeito, o sujeito é um ser fixo. A noção de ser é a verdade. Já na epistemologia clássica e moderna aparece o sujeito discursivo, o sujeito do humanismo, da razão. Mais tarde na modernidade, a verdade passa a ser questionada e a identidade passa a não ser estável. A subjetividade constitui-se na e pela linguagem. Aparece a noção de sujeito discursivo. Ele é determinado pela

língua e pela história; não é fundamentado em uma individualidade, mas disperso, descentrado.

Conforme Eckert-Hoff (2008), a filosofia ocidental descreve o sujeito como um ser individual, com imensa capacidade de raciocínio. Pensa o homem como o centro do conhecimento, com uma identidade autônoma. Na história moderna, o sujeito é visto como único dono de si.

Já Nietzsche (1983) questiona esse sujeito único, centrado, livre, autônomo; ele critica essa visão logocêntrica do sujeito, ele questiona esse sujeito livre que a filosofia moderna pregava.

Veiga-Neto (2007) faz alusão ao sujeito de Descartes (eu pensante) e de Kant (sujeito do conhecimento) e aponta que a teoria desses filósofos foi imprescindível para o aparecimento do sujeito moderno (sujeito pronto), isto é, aquele que observa que o sujeito é um “já lá”, já nasce pronto, nada relativo ao seu exterior consegue mudá-lo.

Hoje, o sujeito contemporâneo é concebido por alguns estudiosos - por exemplo Lévy - como aquele ligado à internet; a era da inteligência coletiva, conhecimento e inteligência social. Bauman (2007) afirma que as exigências da contemporaneidade centram-se na não estabilidade, tudo está em mutação. Por isso o sujeito muda constantemente de acordo com a necessidade do grupo a que ele quer pertencer. Assim, os sujeitos não escapam aos efeitos das condições sócio-históricas do momento vivido modificando-se de acordo com a ordem estabelecida em cada época.

Essa noção de sujeito mostra que o sujeito encontra-se em constante processo de transformação, mutação; e isso faz com que se constituam várias identidades para esses sujeitos.

Para exemplificar a mudança de conceituação de sujeito, Hall (2000, p.10), retoma a concepção de sujeito denominado como centro de conhecimento, para mostrar que o sujeito era baseado:

numa concepção de pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo- contínuo ou “idêntico” a ele- ao longo da existência do indivíduo.

Assim, o sujeito uno cede lugar a um sujeito heterogêneo, descentrado. Se o discurso não é homogêneo, o sujeito também não pode ser único, individual. Não é ele quem controla o seu dizer, é uma ilusão pensar no sujeito autônomo. Ele é cindido e descentrado.

O discurso atual é o da inovação, por isso se fala tanto nos binarismos: novo/velho, ultrapassado/novo. O discurso da inovação em relação às novas tecnologias é um “já dito”, refere-se à memória discursiva. Na história, podemos perceber em outras épocas esse mesmo discurso em relação a outras tecnologias como a escrita, o impresso, o rádio, a TV.

Como já aponta Foucault (2000, p.26), o “novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta”. A mídia contemporânea parece propagar ideias que vão sempre se repetindo. Além de repetir o discurso, ela seleciona e impede o que deve ou pode ser dito.

Enfim, o sujeito não tem “uma identidade fixa, essencial ou permanente. Hall (2000, p. 13) aponta que a identidade torna-se “uma celebração móvel”: formada e transformada continuamente”. Bauman (2001, 2005, 2007) corrobora com os postulados de Hall e define a identidade contemporânea como fluida, inconstante, em constante transformação, de acordo com a necessidade vigente.

Quando nos referimos à pós-modernidade, nos referimos a algo que não é fixo, não é um modelo acabado e fechado, mas sim algo sempre em mutação, em contradição e descontinuidade.

Vários estudiosos da pós-modernidade criticam a noção de sujeito autônomo, dotado de poderes, e, principalmente, no que se refere a uma identidade estável. O sujeito pós-moderno é aquele que muda sua identidade de acordo com o grupo a que pertence.

De acordo com Ferreira (2006, p. 171):

na sociedade atual, de grandes tecnologias, em que nosso tempo é um instante e nosso espaço, um quase nada, a questão da subjetividade se faz ora intensa pelas forças que a circundam, ora por seu apagamento.

É por isso que esta parte é de suma importância para refletirmos sobre práticas discursivas e de subjetivação no contexto escolar. Apresentamos reflexões

sobre a identidade do professor, atravessada pelas práticas discursivas circulantes, juntamente com a questão das novas tecnologias.

Conforme Peripato (2006), o que a mídia coloca priva o sujeito de pensar e refletir. Ela fabrica comportamentos, forma pessoas e produz subjetividades, “molda” como as pessoas devem ser e agir. As pessoas muitas vezes copiam o que a mídia fabrica.

É comum nas redes sociais - que visam a contribuir com a formação do professor na era digital -, percebermos uma prática discursiva que delinea para o sujeito-professor uma imagem de modernidade atrelada ao domínio das tecnologias em sala de aula.

Em nossas primeiras análises do *corpus* observamos - em um dos *e-textos* denominado Fórum: *Professor Digital, Web 2.0* -, que os discursos constroem um professor “objeto”, um professor que deve estar “atenado” com as novas tecnologias.

Do ponto de vista da linguagem, todas as características que estão no processo de construção identitária são marcadas por discursos historicamente constituídos. Bauman (2007) observa que as instituições consideradas como sólidas foram dissolvidas e, conseqüentemente, as identidades se tornam incertas, fluidas, transitórias. Essa sociedade “líquida” exige novos estilos de vida e construção de subjetividades.

De acordo com Foucault (2007), as formações discursivas aparecem em lugares em que há conjuntos parecidos, onde há determinada lei de aparecimento, onde há objetos que se opõem e ao mesmo tempo não mudam.

Dentro de determinadas formações discursivas, o sujeito-professor está inserido. A partir delas o professor profere determinadas práticas discursivas e se junta a um grupo e se exclui de outro. Não há como pertencer aos dois. Não se pode dizer qualquer coisa em qualquer lugar. Como aponta o autor acima, as condições históricas são importantes para o indivíduo se inserir em determinada formação discursiva e se afastar de outra.

A partir dessas reflexões feitas anteriormente, percebemos que não se pode proferir algo em qualquer época, não é fácil pertencer a determinado grupo, não é fácil dizer algo novo. O novo nos assusta, nos intimida. Através das relações discursivas, que é onde formamos o que devemos falar, que se determina o discurso

que deve ser efetuado para poder dizer algo sobre qualquer assunto. Isto significa o discurso como prática.

Baseado nas palavras de Foucault (2007, p. 139), “Não importa quem fala, mas o que ele diz não é dito de qualquer lugar. É considerado, necessariamente, no jogo de uma exterioridade”. Para Foucault (2007, p. 52), práticas discursivas são “um conjunto de *regras* que são imanentes a uma prática e a definem em sua especificidade”. O autor afirma ainda que essas práticas:

são um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística as condições de exercício da função enunciativa (FOUCAULT, 2007, p.133).

Assim, por meio de nossos discursos afloram as regras que estão dentro da nossa prática discursiva. Essas regras determinam o que devemos proferir. Os enunciados proferidos pelos indivíduos são transformados, manipulados, se constroem e reconstroem em função da necessidade histórica, social, ideológica de uma dada sociedade. Para o autor, o que importa não é a verdade, ou qual discurso se repete aqui ou acolá; e sim as práticas discursivas. É importante as regularidades das práticas discursivas nos discursos.

Para Foucault (2007, p. 132):

A lei dos enunciados e o fato de pertencerem à formação discursiva constituem uma única e mesma coisa; o que não é paradoxal, já que a formação discursiva se caracteriza não por princípios de construção, mas por uma dispersão de fato, já que ela é para os enunciados não uma condição de possibilidade, mas uma lei de coexistência, e já que os enunciados, em troca, não são elementos intercambiáveis, mas conjuntos caracterizados por sua modalidade de existência.

Em cada enunciado as regras aparecem de uma maneira diferente, em cada momento elas se modificam. Logo podemos pensar que nesse momento das novas tecnologias, o sujeito-professor se insere dentro da prática discursiva do professor que deve dominar e saber utilizar as ferramentas da *Web 2.0*, se ele proferir algo diferente disso, ou contrário a isso, é excluído dessa sociedade chamada da informação e do conhecimento. Dentro das práticas temos proibições (o que se pode falar ou que é proibido falar) e o discurso do professor atualmente deve estar vinculado às novas tecnologias.

Conforme Kleiman, Vieira (2006), a preocupação nos dias atuais são as alterações de comportamento dos sujeitos (grupo e indivíduo) a partir das novas tecnologias. Os indivíduos constroem suas identidades a partir das NTCIs, só para fazerem parte do grupo digitalizado.

Como Pacheco afirma (1996, p.47-48):

A história de cada um se constrói por marcas e identificações, e determinados conteúdos surpreendem. Coisas acontecem “por acaso”, outras “tenta-se e não se consegue”, até que em certo momento, cada um se vê como falta. A falta representando a própria subjetividade. Tem-se acesso ao conhecimento pela falta (não pelas representações).

Essa falta observada no comentário acima se dá pela busca do aprendizado em relação às NTCIs como observamos no depoimento 3 (Anexo A):

Com certeza muda e muito as nossas aulas. É importante que o professor se atualize, pois os alunos já dominam na sua maioria o computador. As aulas se tornarão mais atrativas e com certeza mais atualizadas. As tecnologias têm contribuído muito para a educação.

De acordo com as palavras de Bauman (1998, p.10):

‘Estar em movimento’ tem um sentido radicalmente diferente, oposto, para os que estão no alto e os que estão embaixo na nova hierarquia, com o grosso da população- a “nova classe média” que oscila entre os dois extremos- suportando o impacto dessa oposição e sofrendo em consequência uma aguda incerteza existencial, ansiedade e medo. Argumentamos que a necessidade de mitigar esses medos e de neutralizar o potencial descontentamento que carregam é por sua vez, um poderoso fator para o aumento da polarização dos dois significados de mobilidade.

A falta comentada na citação anterior se dá de forma diferente em relação à escala populacional. Quem está no alto da escala hierárquica não sente tanto o impacto relacionado às NTCIs como os que estão embaixo, a classe média, que luta para deter seus medos, anseios, inseguranças; como podemos ver no depoimento 5 (Anexo A): “ No momento tenho mais informação do que consigo processar, portanto, eu diria que tenho uma mente aberta para a *Web 2.0*, mas ainda funciono em um corpo *Web 1.0*.”

Para Coracini (2006), o importante é refletirmos sobre quem é esse indivíduo da comunicação virtual, que sofrendo influências da mídia, da era pós-moderna, da globalização influi na definição da identidade para satisfazer o seu público.

Com base nas palavras de Bauman (2005, p. 44):

Num dos pólos da hierarquia global emergente estão aqueles que constituem e desarticulam as suas identidades mais ou menos à própria vontade, escolhendo-as no leque de ofertas extraordinariamente amplo, de abrangência planetária. No outro pólo se abarrotam aqueles que tiveram negado o acesso à escolha da identidade, que não têm direito de manifestar as suas preferências e que no final se vêem oprimidos por identidades aplicadas e impostas *por outros* – identidades de que eles próprios se ressentem, mas não têm permissão de abandonar nem das quais conseguem se livrar. Identidades que estereotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam...

Nesse comentário, exposto por Bauman, define-se bem como os professores sentem-se diante desses novos impactos tecnológicos. Ao mesmo tempo em que querem atualizar-se, sentem-se inseguros diante da novidade e acabam por pertencer a um grupo que realmente não se encaixam ou que não tiveram direito de escolha. E diante dessa nova identidade eles têm que estar em consonância com esse novo grupo digital a que devem pertencer, sem entender ao certo o que fazem ali ou o que devem fazer. Por isso, para alguns é uma situação humilhante e desumana.

A citação do filósofo define bem como as práticas discursivas e as mídias influem na identidade do professor, não só na construção da identidade, mas na vida pessoal e emocional do indivíduo.

2.2 TECNOLOGIAS DE SI E AS PRÁTICAS IDENTITÁRIAS

De acordo com Foucault (1991), é importante “cuidar de si” como uma prática de subjetivação e preparação do indivíduo para o convívio em sociedade. Para ele – como já foi frisado - o sujeito é constituído historicamente a partir de determinações que lhe são exteriores.

Além disso, Foucault (2000) enfatiza em seus estudos a relação de poder que existe na sociedade. Através dessas relações aparecem as construções subjetivas; considerando a posição de um sujeito, posições heterogêneas que podem ser ocupadas por sujeitos diferentes dependendo da formação discursiva em que estiver inserido. Para o autor essa relação e as posições ocupadas pelos

sujeitos colocam o discurso como uma prática de subjetivação, pois o sujeito assume um lugar discursivo, mas não é livre, é controlado. Há a ordem do discurso.

Através desses espaços discursivos são construídos discursos sobre as novas tecnologias, pois através daqueles afloram as representações subjetivas do indivíduo e a partir daí ele constrói sua identidade. É a partir disso, esses discursos chegam até as instituições, as escolas, e passam a ser “a verdade” para o sujeito-professor.

O autor aponta que nos tornamos sujeitos através dos modos de subjetivação: modos de transformação realizados por nós mesmos ou com a ajuda de outros.

Conforme Eckert-Hoff (2008, p. 78-79):

Ao falar de si, o sujeito-professor se reinventa, cria um outro ficcional como forma de preenchimento dos espaços vazios. É no falar de si que o corpo se e(in)screve para se presentificar, o que lhe permite uma experimentação identitária. Pelo desejo de pertencimento o corpo irrompe no simbólico, e (in)screvendo-se, assim, no processo de construção e de subjetivação do sujeito.

O sujeito ao revelar-se através do discurso, de sua enunciação, revela sua identidade, ele se expõe junto ao olhar do outro. Com base nas palavras de Foucault (1997), quando se usa da auto-narração, se está utilizando da técnica do “saber de si”. A partir daí ele se constrói como sujeito, se entende, se reproduz.

Foucault (1991) começa a pensar nas regras como proibições, deveres e a verdade sobre si mesmo. O indivíduo molda um modo de ser para ele mesmo. O autor divide essas técnicas que o indivíduo pratica para produzir sua identidade em quatro: as técnicas de produção, as técnicas de sistemas de signos, as técnicas de poder e as técnicas de si. Vale ressaltar que nenhuma delas ocorre sozinha, mas sempre há a prevalência de uma sobre a outra. Assim, o foco de análise serão as técnicas de si, que são técnicas utilizadas pelos indivíduos para sozinhos ou com o auxílio de outros realizarem ações que transformam suas mentes, seus corpos, suas almas e seus modos de ser; para se sentirem realizados e satisfeitos.

Os gregos pensavam que o *cuidar de si* é de grande valia para uma vida boa e sã. Para eles é importante conhecermos a nós mesmos para conhecermos o que está a nossa volta. A filosofia antiga e o ascetismo cristão dão

grande importância ao “cuidado de si”. Em toda a cultura antiga a ênfase nisso era de grande valia.

Percebemos que há vários tipos de “cuidados de si” e, através disso, nascem as diversas “técnicas de si.” Esta expressão *cuidar de nós mesmos* é utilizada desde os primórdios da ética moral cristã: cuidar de ti mesmo ao invés do outro. O cuidar de si é cuidar do seu espiritual. O sinônimo de cuidar de si passa a ser conhecer a si mesmo.

Até hoje, a reflexão é uma técnica aconselhada por diversos profissionais como um ato para o indivíduo pensar em tudo que está a sua volta e em si mesmo e, por meio dessa técnica poderá conseguir atingir um estado de compreensão do que ocorre ao seu redor e de si mesmo. Escrever cartas aos amigos ou diários para desabafar é outra técnica. Nesta a escrita passa a ser, então, uma importante forma de expressão do cuidado de si.

Para Platão, o importante é desvendar a verdade existente no interior de cada indivíduo. A meditação é um dos recursos utilizados para conhecer a si mesmo e moldar sua identidade representada em sociedade. Essa meditação ligada à verbalização não traz a renúncia do sujeito, mas sim a transformação em um novo sujeito.

Hoje com a influência das novas tecnologias temos várias maneiras de cuidarmos de nós mesmos. São várias as que podem ser consideradas técnicas de si: o *blog*, o *orkut*, o *fórum*, e outras. Em nossa pesquisa consideramos os *e-textos* dos fóruns e os comentários dos professores usuários do site sobre suas leituras, uma dessas formas de cuidar de si. Pudemos observar nesses *e-textos* que o sujeito-professor se utiliza das técnicas de si, para representar um tipo de sujeito ligado às novas tecnologias, o *Professor 2.0* ou *Professor digital*⁵.

Conforme Eckert-Hoff (2008), o professor está em mudança constante, pois o mundo se transforma a cada dia e essas transformações forçam o profissional da educação a adaptar-se a elas e a atualizar-se. Mas, a mudança não é uma tarefa fácil. Há toda uma história de vida atrás disso. Na busca pela transformação, há o retrocesso aos momentos já vividos, a ansiedade, a insegurança; e ao mesmo tempo, o desejo da mudança.

É sabido que há uma complexidade de problemas envolvendo as práticas educacionais e a profissão do professor, como por exemplo, a

⁵ No próximo capítulo explicitaremos com a análise a configuração do professor 2.0.

desvalorização cada vez maior deles, salário não condizente, condições de trabalho, muitas vezes, hostil e perigosa como podemos comprovar nas notícias na mídia sobre agressões a professores, sobre a falta de estrutura nas escolas e outras. Tudo isso colabora para que o professor sinta-se desiludido com a profissão, estressado e doente. Nas universidades podemos perceber a evasão de universitários nos cursos de licenciatura e falta de procura por esses cursos nos vestibulares.

O desejo de mudança é compreensível, pois o domínio das novas tecnologias acena para esses profissionais como uma forma de melhoria, mas ao mesmo tempo eles têm medo do desconhecido, daquilo que ainda não faz parte de seu cotidiano intimamente. Há diversos questionamentos expressos na mídia por esses profissionais, e talvez o principal deles seja: Como fazer para mudar nossas metodologias, inovar, trabalhar com as novas tecnologias? O novo assusta e isso é aceitável. Resta saber... Há alguém que deva dizer como deve ser o professor?

A citação a seguir exprime bem esta etapa que o professor está passando no mundo contemporâneo, a autora Eckert-Hoff (2008, p. 75) aponta que:

Compreendemos que, ao falar de si, de sua história de vida, o sujeito jamais descreve, tal qual ele “seria”, tal qual ele deseja mostrar-se, pois das palavras ditas irrompem sentidos fluidos, escorregadios, imprevisíveis, incontroláveis, o que requer que puxemos fios possíveis de diferentes lugares, de inúmeras histórias dentro de uma história, de um imenso tecido que constitui a história de vida do sujeito. Estabelece-se, pois, a idéia de uma nova escrita de si - ou fala de si -, descentrada, lugar onde o sujeito vacila sobre si-mesmo.

Em cena, o sujeito-professor encena um outro lugar, possível e desejável, que revela que as vicissitudes de seus anseios se misturam com outras experiências, com vozes de diferentes lugares, que passam a compor, sempre e inevitavelmente, a tessitura de seu ser e de seu fazer.

Portanto, nossa pesquisa mostra que o site funciona ao mesmo tempo como uma escola virtual para professores, lugar de aprendizagem, e de confessionário, pois quando os professores escrevem em seus comentários suas angústias, seus medos e dificuldades estão exercendo as técnicas de si, o cuidado de si para tentar melhorar sua imagem diante da sociedade e quem sabe conquistar um espaço dentro da chamada sociedade da informação e do conhecimento. O site *Educarede* funcionaria como um espaço para se exercer as práticas discursivas e identitárias desse professor que deve se adaptar às novas tecnologias e construir uma identidade “nova”, mais atualizada, em que o sujeito é ágil, criativo, um mediador do conhecimento, aquele que sabe ensinar e divertir ao mesmo tempo.

2.3 NOVAS TECNOLOGIAS, EDUCAÇÃO ONLINE E INFOINCLUSÃO

Neste início de século XXI, vivemos a era chamada pós-modernidade⁶. Coracini (2006a) observa que há várias denominações para essa época: modernidade tardia, pós-modernidade, hipermodernidade; mas não se trata de um período após a modernidade e sim de um período em transformações, dia após dia.

Bauman (2005) aponta que estamos caminhando da fase sólida para uma líquida, fluida. Ele a denominou de modernidade líquida. Essa fase contemporânea é atravessada pela dispersão, fragmentação. Segundo o autor (2001), estamos vivendo na era em que somos vigiados por múltiplos olhares, a era sinóptica; não mais a era panóptica onde um controlava o todo. Já para Lipovetsky (2004), a pós-modernidade vivida se caracteriza por paradoxos, por contradições e pelo lado individualista, racional.

As novas tecnologias parecem intensificar esse cenário da liquidez, fluidez e fragmentação do mundo contemporâneo e tudo é sentido como se nunca o homem tivesse passado por transições tecnológicas, a mudança parece ser mais radical e intensa que as anteriores. No entanto, a tecnologia ao longo da evolução do homem sempre existiu, e em cada momento da história imprimiu mudanças. Portanto, igualmente a noção de discurso, a originalidade dada às novas tecnologias, na realidade não são totalmente originais, completamente “novas”, mas trazem em seu bojo o novo e o velho.

De acordo com Coracini (2006a), durante o fim do século XIX e durante o século XX, houve o desenvolvimento industrial, a evolução nos meios de transporte e de comunicação. No capitalismo moderno, a sociedade é voltada para o individualismo e ao apego às coisas materiais.

Quando pensamos nesse mundo contemporâneo ligado às novas tecnologias, podemos observar em nosso passado que o aparecimento das tecnologias acompanha a evolução da humanidade. Primeiramente, foi a tradição

⁶ Há divergências sobre o termo pós-modernidade, alguns autores afirmam não termos nem saído da modernidade. Esclarecemos que não entraremos no mérito da questão. Utilizaremos este termo em função dos autores com os quais trabalhamos utilizarem tal nomenclatura, tais como Hall e Bauman.

oral, depois veio a escrita, logo após a imprensa e agora estamos na era digital. Todas essas fases foram um marco na sociedade e mudaram a vida de muitas pessoas.

Lima, Pinto, Laia (2002) observam que sempre houve, no convívio social, alguma maneira de transmitir o conhecimento. Primeiro foi por meio da tradição oral, em que algum mediador transmitia as informações oralmente para a comunidade. Nessas comunidades, a linguagem tinha um papel primordial, pois era através dela que as pessoas detinham o conhecimento. O professor detinha o conhecimento pela memória, pelas histórias contadas de geração para geração, seus encontros eram frequentes.

Num segundo momento, apareceu a escrita; quando não era mais preciso a presença do relator dos fatos, pois os fatos passaram a ser registrados e a leitura se tornou um hábito. Os professores passaram a utilizar-se da cartilha para o ensino. Logo após apareceu a imprensa e começaram a reproduzir um número grande de informações sobre os fatos, possibilitando assim um maior número de pessoas em contato com a leitura. Mas os encontros se tornaram menos frequentes. Substituiu-se assim a linguagem escrita pela impressa. E, agora, a impressa convive com a digital.

Para Lima, Pinto, Laia (2002), definir a palavra tecnologia não é algo complexo; uns dão o sinônimo de inovação, outros traduzem como ferramenta usada pelas pessoas que lidam com esse tipo de instrumento tecnológico. Para defini-la de um modo geral podemos citar como componentes da tecnologia: aspectos culturais, aspectos técnicos, aspectos organizacionais e prática tecnológica. Ela engloba crenças, valores e modos de pensar da sociedade. Tecnologia é sinônimo de informação. Essa informação traz conhecimento.

Hoje a expressão “sociedade da informação” tem sido muito utilizada. Desde os anos 1960 é usada, pois é a troca de uma forma antiga pela informação dada de forma mais apropriada.

De acordo com Belloni (2006, p. 65) “nesta sociedade do futuro que se inicia agora, as máquinas “inteligentes” povoarão cada vez mais o cotidiano e, por consequência, o campo da educação.”

A educação visa preparar o aluno para ter autonomia para aprender durante todo o tempo de estudo e por toda a vida. Com o professor nada é diferente. E hoje o discurso circulante é o de inovar através das novas tecnologias de

comunicação e informação (NTCIs) e assim evoluir com todas as mudanças que ainda estão por vir. As NTCIs pertencem ao mundo da mente, da inteligência coletiva, das máquinas.

No Brasil, o uso das NTCIs no campo educacional iniciou-se com experiências em universidades. Depois, o governo se interessou em adotar programas baseados no uso do computador, e este teria o papel de provocar transformações pedagógicas intensas. A proposta era transformar uma educação baseada no processo de ensino em uma educação baseada na transformação de informação. E em relação ao professor era necessário não só dominar as NTCIs, mas sim descobrir uma maneira de como auxiliar o aluno através das mesmas no processo de aprendizagem.

De acordo com Guerreiro (2007), as NTCIs são resultados de observações sobre a coletividade, para evitarem e solucionarem problemas sociais e para que cada vez mais, elas se tornem presente na vida das pessoas.

As NTCIs têm duplo papel na escola. Primeiro é o de facilitarem a comunicação entre os profissionais de ensino e em segundo formarem alunos com habilidades para lidarem com a sociedade do conhecimento.

As tecnologias de comunicação e informação (NTCIs) nos trazem benefícios, pois a rapidez, a facilidade com que tudo é feito nos deixam mais confortáveis. E o mundo contemporâneo nos impõe escolhas: dominar as NTCIs ou não se inserir na sociedade do conhecimento, ou seja, ficar à margem.

Para Belloni (2006), o uso das NTCIs no contexto escolar traz inúmeros questionamentos: primeiramente, se a escola iniciar o uso das novas tecnologias não poderá mais interromper para não perder o contato com a geração do momento: a era digital. Há também a urgência por essa utilização e com isso os professores se sentem angustiados por não saberem lidar com as tecnologias e por não se sentirem preparados para esta função. Por outro lado, há aqueles que as usam sem resistência nenhuma (que não são muitos).

Houve e há vantagens do uso das NTCIs. Mas não podemos nos esquecer dos pontos negativos. Muitos ganham, mas muitos e muitos perdem com essas mudanças.

Consoante Belloni (2006), o uso das NTCIs na educação traz muitos benefícios, mas nem sempre o resultado do uso das tecnologias traz experiências boas. A autora (2006, p. 76), observa que:

Embora se possa repertoriar um grande número de experiências exitosas, estas são em geral pontuais e correspondem mais a experimentos locais que a ações de grande porte, que muitas vezes redundam em insucessos: as experiências de televisão escolar, realizadas nos países do terceiro mundo, nos anos 70, são o melhor exemplo. Este fenômeno é observado com mais frequência em países do terceiro mundo, mas ocorre também em alguns países industrializados, em geral mais cautelosos quanto a grandes reformas tecnológicas de seus sistemas de educação.

As NTCIs servem de auxílio para uma aula presencial, porém não substitui em nada; é algo a mais. Mas é preciso saber utilizar seus recursos da melhor maneira possível para evitar o deslumbramento e evitar o uso dos mesmos para fins não pedagógicos.

Mas nas escolas o uso dessas NTCIs está sendo utilizado corretamente? E as regras? Na verdade o site *Educarede* parece colocar-se como aquele que normatiza a utilização dessas tecnologias para o professor adequar-se às “novas” exigências do mercado e às necessidades de seu alunado.

O importante para o mercado é que se usem as NTCIs, suas desvantagens não importam, pois o uso aquece as vendas e o consumo torna-se cada vez maior. Para ele essas ferramentas são tidas como inovadoras e visam solucionar a falta de motivação dos alunos. Mas será que isso ocorre? Alguns estudiosos atestam que sim, os dispositivos da *Web 2.0* promoveriam maior interação e suas interfaces seriam mais interessantes. Outros por sua vez, contrapõem-se a essa afirmação colocando esses dispositivos como verdadeiros alienadores, pois promoveriam a falta de concentração e irresponsabilidade nos estudos.

Mas como inovar com a rapidez com que as mudanças ocorrem? Quando a adaptação começa a se concretizar, surge outra tecnologia e o processo de mudança é muito acelerado para as condições que o professor tem em seu cotidiano. Assim, acompanhar as mudanças acaba por tornar-se um caminho sempre longo e inatingível.

Para Valente, Silva (2003, pesquisadores acreditam que uma boa opção para capacitar professores para lidar com as NTCIs seria a utilização dos cursos a distância. Por meio das NTCIs há o entrelaçamento entre a educação presencial e a educação a distância (EaD), observa Almeida (2003). Segundo

Belloni (2006), a tendência hoje é a de haver instituições mistas, cursos presenciais e a distância ou os dois ao mesmo tempo.

A autora aponta que há três tipos de EaD a partir das NTCIs: a primeira é o ensino por correspondência onde a interação entre professor e aluno é lenta; a segunda são os multimeios a distância que é o uso de materiais impressos, audiovisuais e computadores e a terceira são os desenvolvimentos de todos os anteriores juntamente com o que as NTCIs podem oferecer (e-mails, *chats*, sites, *blogs*, fóruns, etc).

A autora ainda observa que com todas essas mudanças a sobrevivência no mercado de trabalho dependerá da adaptação do profissional às novas capacidades como: autogestão, flexibilidade frente à novas tarefas e assumir responsabilidades por si próprio.

Entretanto, a adaptação também depende de outros fatores e o principal deles talvez não seja a aquisição das novas capacidades, mas a questão econômica e estrutural das escolas e outros.

Esse processo de globalização que estamos vivenciando era para ser um acontecimento formidável, mas há exclusão, pois grande maioria ainda não tem acesso ao ciberespaço e a toda tecnologia envolvida nesse processo.

Lima, Pinto, Laia (2002) argumentam que a bem quista inteligência coletiva se dá a partir do ciberespaço definido como um modo de interação e comunicação entre pessoas, mas na verdade somos guiados para chegar ao caminho almejado, portanto a inteligência coletiva não é exercida plenamente.

Fazer parte desse caminho é o que almejam as instituições, os governantes e a própria sociedade, todos devem estar inseridos no mundo virtual, participar do ciberespaço e interagir com ele: o discurso é da inclusão. Inclusão Digital ou *infoinclusão* é um tema importante em nosso contexto escolar e na contemporaneidade. Tal expressão é concebida como a democratização do acesso às tecnologias da informação, de forma a permitir a inserção de todos na sociedade da informação e do conhecimento.

Com as tecnologias de informação, todos estão investindo muito nesse setor, em especial, o meio educacional. Por isso, para pertencer ao mundo virtual, digital; é preciso tentar aprender a lidar com todas as novas tecnologias, atualizar-se. É comum encontrarmos no discurso midiático a necessidade de estarmos

“antenados” com as NTCIs para transmitir as inovações para os alunos. Isso explica a insistente cobrança em atualizar os professores à respeito das NTCIs.

Conforme Brünner (2003), através do aparecimento das NTCIs podemos notar as inseguranças e esperanças em torno do assunto. Não só na educação, mas em todo o mercado de trabalho.

Com base nas palavras de Coracini (2006a, p. 10), “é o marketing das novas tecnologias que, bombardeando a todos por todos os lados, provocam a “mitificação” da máquina.”

Estudiosos afirmam ainda que as novas mercadorias estão sempre se modificando e tornando-se cada vez mais sofisticadas e com isso influenciam o indivíduo a sempre trocar o que está mais “velho” pelo “novo”, e entrar no mundo da moda, do consumo, do progresso.

O mesmo que acontece com a mercadoria parece ocorrer com o sujeito-professor, ele precisa atualizar-se ou melhorar como uma mercadoria; do contrário, será substituído ou ficará obsoleto como uma máquina. Esse parece ser um dos entraves para que a *infoinclusão* seja realizada e concretizada.

E como já ressaltamos, muitos estudiosos afirmam que um bom meio para que o professor se aprimore é tentar utilizar às NTCIs e conseguir misturar o ensino presencial e a distância. O aprimoramento dos professores via educação *online* é uma das ações que entidades privadas e públicas têm feito para que a *infoinclusão* aconteça. Mas antes de tratarmos disso, é necessário pensarmos sobre a educação a distância e a educação *online*.

A educação a distância viveu e vive uma história, mas com a chegada da internet ela ganhou espaço no mercado, mesmo com a grande importância dos meios tradicionais.

Consoante Silva (2003), o ensino a distância tem sido muito procurado em tempos atuais. Com a chegada da internet houve revolução em todos os setores. Mesmo os meios tradicionais ainda sendo muito usados (TV, rádio, impresso via correio), o meio *online* sobressaiu e parece continuar sobressaindo.

Silva (2003, p. 11) observa que:

A EAD *online* é exigência da cibercultura, isto é, do conjunto imbricado de técnicas, práticas, atitudes, modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço, isto é: do novo ambiente comunicacional que surge com a interconexão mundial de computadores e das memórias dos computadores; principal suporte de

trocas e de memória da humanidade a partir do início do século XXI; novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização, de informação, de conhecimento e, claro, de educação.

A EAD *online* é uma exigência da sociedade da informação (novo contexto socioeconômico-tecnológico desde a década de 1980) e a característica principal é a informação digitalizada, como aponta o autor acima.

Para Blikstein, Zuffo (2003) houve o tempo das canetas esferográficas, dos processadores de textos e agora das NTCIs que auxiliaram e continuam auxiliando vários setores. Em 1990, os profissionais de informática deslumbraram-se com os efeitos das novas tecnologias. Logo após veio o comércio eletrônico e a “nova economia”. Seguido disso aparece o jornalismo eletrônico que facilitou a rotina de profissionais de todas as áreas.

Nessa nova era o computador e a internet estão em destaque. A informação *online* é cada vez mais procurada e torna-se imprescindível na vida de cada um: no trabalho, em empresas, etc.

Conforme Silva (2003), o computador juntamente com a internet apresenta diferenças em relação à TV, pois aquele permite que o indivíduo interaja em seu conhecimento enquanto esta é uma máquina programada para somente transmitir informações. A partir desses pontos positivos muito se tem investido na formação de professores para o ensino *online*.

Todos observam que cursos *online* têm uma efetiva interação, mas na verdade todos reclamam do conteúdo. Têm-se prós e contras. Na educação tradicional os meios para lidar com alunos e profissionais não estão engajados no novo mercado que engloba as NTCIs. A competitividade é grande e a crescente procura por cursos *online* é uma boa maneira de resolver o problema, pois se pode fazer cursos sem sair da comodidade. Não se pode afirmar que cursos *online* proporcionam um aprendizado mais eficaz, mas quem pode afirmar que os tradicionais são mais eficazes?

Conforme Santos (2003), a facilidade com que as coisas vêm se transformando tornou-se mais frequente as pessoas mostrarem suas identidades *online* (diarismo *online*). Antes o que era pessoal não era exposto, atualmente com os blogs coloca-se na rede, se expõe intimidades como roupas expostas em uma vitrine.

O discurso das instituições e da mídia proclama que o profissional precisará vencer as inseguranças em relação às NTCIs que desde tempos vêm se apoderando do sujeito professor. Antes havia a mesma insegurança com a EaD (tradicional); agora com a educação *online*.

Para Silva (2003), o professor precisa aprender a lidar com o ensino *online* e ele não vai simplesmente ensinar, mas sim provocar situações e, para que isso ocorra, essa interação, alguns recursos como: fórum, *chat*, etc; são uma boa opção. Mas mesmo sendo professores que estão incluídos digitalmente também sofrem preconceitos. Alguns pelos métodos de avaliação e ensino e outros por acreditarem na baixa qualidade do ensino.

De acordo com Valente, Silva (2003) há cursos de capacitação de professores tanto presenciais como por meio das NTCIs.

A internet veio a intensificar o ensino *online*, principalmente com a chegada de novos dispositivos que compõe a chamada *Web 2.0*.

A expressão *Web 2.0* vem sendo utilizada em diversos lugares: revistas, jornais, televisão, na própria internet. Mas na verdade as pessoas não sabem dizer ao certo o que vem a ser essa expressão. Não há um consenso sobre essa questão. Quando procuramos algo a respeito encontramos duas definições distintas em relação à *Web 2.0*: a primeira, definida como a “Idade de Ouro” da internet. A segunda, mais crítica, considera o conceito “pura estratégia de marketing empresarial”. O primeiro discurso é o mais usado e, nele, se considera a expressão *Web 2.0* como a época em que houve uma mudança do computador pessoal para uma internet como plataforma.

De acordo com Antonio (2008), em 1994, apenas os responsáveis pelas páginas da rede virtual podiam postar informações na *Web*. Foi a era dos grandes portais como Yahoo, Uol, AltaVista. Essa era foi denominada *Web 1.0*, pois foi a primeira geração de internet comercial, e o usuário desempenhava apenas o papel de espectador na página porque não tinha autorização para alterar o conteúdo.

Hoje, a internet deixou de ser “uma estrada de mão única” e passou a permitir que os usuários das páginas colocassem no ar o próprio conteúdo. Essa fase é denominada *Web 2.0*. Há ainda alguns que afirmam que a internet já está na fase da *Web 3.0*, pois veem a internet como um conjunto de tecnologias com formas

mais eficientes para ajudar os computadores a organizar e analisar a informação disponível na rede.

Tim O' Relly (2008, p.27) cunhou o termo *Web 2.0* e, em suas palavras ela é:

a mudança para uma Internet como plataforma, e um entendimento das regras para obter sucesso nesta nova plataforma. Entre outras a regra mais importante é desenvolver aplicativos que aproveitem os efeitos de rede para se tornarem melhores quanto mais são usados pelas pessoas, aproveitando a inteligência coletiva.

Dentre essas ferramentas encontram-se os *blogs* - ferramenta que o usuário pode construir sem conhecimento técnico especializado e produzir conteúdos para o mesmo como bem entender -, mapas interativos, geradores de histórias em quadrinhos, Orkut, entre outros dispositivos. O próprio *Google* é uma ferramenta 2.0.

O portal *Educarede* também é uma ferramenta da *Web 2.0*, além de ser uma forma de inclusão digital via internet. Ele é promovido e apoiado pela Fundação Telefônica; CENPEC; Fundação Vanzolini, entre outras. Esse portal possui vários fóruns de discussão em relação a assuntos atuais e, principalmente, assuntos ligados à inclusão digital. No fórum, há a exposição de opiniões e informações sobre a educação atual. Oferecem-se cursos e há murais para colocação de notícias importantes. Além disso, outras ferramentas estão disponíveis no portal: salas de bate-papo; *blogs*, etc. No site do portal *Educarede*, com suas variedades de *e-textos* traçam um perfil do que seja o *Professor 2.0*: adjetiva-o como um profissional eficiente e atualizado em suas atividades. Para pertencer a esse seleto grupo é necessário usar os recursos da *Web 2.0*, do contrário, será rotulado como ultrapassado e considerado um "*Professor 1.0 ou 0.1*", já que existe uma versão do "*Professor 3.0*".

Em um dos fóruns do site *Educarede* encontramos o questionamento sobre o que vem a ser essa *Web 2.0*. Segundo o fórum, a "*Web 2.0*" são recursos de tecnologias que chegaram e emplacaram. São recursos que podem ser usados tanto por educadores quanto por estudantes como uma grande caixa de ferramenta atraente, simples e útil. Qualquer pessoa pode utilizar desses recursos, pois são ferramentas fáceis de lidar.

O discurso do fórum explicita que no surgimento de novas técnicas ou tecnologias houve a cisão entre aqueles que as dominaram e tiveram acesso a elas e os excluídos. Esclarece que isso aconteceu com a escrita, depois com o impresso, o rádio, a televisão e, agora, ocorre com o uso dos computadores e das ferramentas da *Web 2.0*. Em seguida o discurso frisa que atualmente para ser um incluído digital não basta saber utilizar as tecnologias e conhecer suas linguagens, como trocar e-mails, fazer um *blog* ou um *podcast*. É necessário haver preparação e o portal se coloca à disposição para orientar o usuário professor nessa empreitada.

No caso da educação, além de ter esse acesso, necessita-se de preparação não só dos alunos, mas também dos profissionais de ensino em relação à ferramenta desejada. O discurso da importância da inclusão social é assumido no site de forma incisiva. Observamos na mídia que as grandes empresas e corporações e o governo, também assumem esse discurso e procuram promover ações que concretizem a inclusão de todos.

Apesar de a internet ser a marca da nova “era”, são poucos os que acessam esse meio de comunicação. Segundo pesquisa feita pela Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro, em abril de 2003, apenas 12,46% dos brasileiros tinham computador em suas residências e pouco mais de 8,31% encontravam-se conectados à internet (TOSHIO, 2006). Em matéria do portal do Ministério das Comunicações o ano de 2005 será lembrado como o Ano da Inclusão Digital brasileira. Foram lançados muitos projetos desde linhas de crédito populares para compra de microcomputadores à criação de telecentros comunitários. Todas as medidas tomadas visaram incluir no mundo da informática os 26 milhões de brasileiros que não têm acesso às novas tecnologias. Embora, as estimativas do Governo Federal indiquem que 13,9 milhões de brasileiros atualmente acessem à internet, apenas 9,3% pertencem às classes C, D e E e 90% dos que têm acesso à internet são das classes A e B (SCHETTINO, 2008).

De outro lado, a iniciativa privada (Telefônica, Fundação Vanzolini), por meio das mídias, anuncia projetos de inclusão digital por meio da educação em parceria com o Governo Federal e do Estado de São Paulo. A parceria prevê que 56 mil escolas brasileiras estejam conectadas à banda larga até 2010 e que o uso das ferramentas da *Web* seja uma realidade nessa época. A previsão é de que 40% das 56,6 mil escolas públicas do país terão internet rápida em 2008, a outra parcela de 40% em 2009 e os 20% restantes até 2010. O projeto pretende atender 84% dos

estudantes da rede pública de ensino no Brasil (SOARES, 2008). O discurso midiático só vê êxito no programa de inclusão digital do governo federal e da iniciativa privada sob uma condição: se houver a “capacitação dos professores” para que a aula seja integrada ao uso dos computadores.

O discurso da relevância das ações realizadas para assegurar acesso aos meios de comunicação às camadas excluídas, como estratégia de inclusão social, tem se tornado mais constante e imprescindível. Do contrário, as novas tecnologias só continuarão a ampliar o distanciamento entre ricos e pobres, aumentando a porcentagem de um outro tipo de analfabetismo: o digital.

Segundo Foucault (2007) é a partir da prática discursiva vigente em um determinado campo de saber que se dá a formação de diversas modalidades de saberes. No entanto, entre os diversos saberes formados só terão *status* de cientificidade, aqueles que pertencerem a um conjunto de elementos formado pelas regras da prática discursiva que pertencem ao campo do saber (no caso à pedagogia, ao campo da educação tecnológica) que coordena e subordina enunciados nos quais aparecem, aplicam-se, definem-se e transformam-se os conceitos. É este campo de saber que autoriza o sujeito a tomar posição para falar dos objetos (as novas tecnologias e o papel do professor na contemporaneidade, a inclusão digital) de seu discurso. O saber é, então, o domínio de possibilidades de apropriação e de utilização oferecidas pelo discurso.

O profissional da educação encontra-se, atualmente, no dilema anunciado por Bauman (2001). Por um lado, precisa tornar-se ‘o *Professor 2.0*’ e não qualquer profissional, um educador diferente de tudo que aprendeu até o momento: deixar de ser detentor de conhecimento e passar a ser um mediador.

Coracini (2006a) afirma que os discursos sobre o fenômeno da globalização e o desenvolvimento tecnológico em relação à educação criaram no imaginário de professores, valor de verdade e um processo de naturalização o que deu às novas tecnologias o *status* de necessidade para um desempenho pedagógico de qualidade. Isso tudo instaura no professor, uma situação de conflito: por um lado deseja dominar as novas tecnologias, por outro, angustia-se diante da constatação de sua ignorância e das dificuldades que colocam em xeque sua autoridade ou poder legitimado pelo saber que, embora lhe seja ainda atribuído pelo imaginário social, se vê questionado. Nesse estado de confusão e conflito, o sujeito para aplacar o desespero, anula, no imaginário, a cisão, a falta, a perda e acaba por

colaborar com o marketing das novas tecnologias, atribuindo à tecnologia o caráter de imprescindível para o ensino-aprendizagem. Se todos os professores souberem lidar com tais dispositivos, o resultado será a motivação do aluno e, conseqüentemente, a aprendizagem.

Consoante Brünner (2003), a primeira revolução tecnológica no modo de produzir educação ocorreu com o aparecimento da escola paroquial na Idade Média. Depois passou para a esfera estatal e agora está ocorrendo devido às NTCIs.

Sabemos que as raízes da educação têm um passado remoto e enigmático quanto ao da linguagem. Para o autor citado acima, durante o momento das escolas paroquiais, além de serem poucas; atendiam a todos os tipos de população, não era um sistema unificado. As idades se misturavam e o objetivo era formar cristãos para cumprir tarefas eclesiais. Predominavam os relatos orais, por isso a memória era algo valioso.

Na época da produção estatal começou a aparecer a imprensa com textos escritos e diferentes do anterior. Através do Renascimento e da Revolução Industrial apareceu o sistema escolar público. Nessa fase apareceram as primeiras revistas de ciências. A tarefa não era mais somente formar cristãos para cumprir tarefas, mas sim voltar-se para a educação básica, alfabetizar baseado nas línguas nacionais, na moral cristã.

E por último, foi a época da produção massiva que ocorreu depois da Revolução Industrial e que se inseriu um sistema tecnológico para o processo da produção massiva. Isto significa educação para todos. Nesse momento o importante eram os valores da sociedade: moral, patriotismo. E através das NTCIs foi possível um maior acesso às tecnologias e ao conhecimento de forma mais rápida.

E a partir das mídias digitais há uma transformação e influência no modo de pensar do sujeito.

Conforme Nova, Alves (2003), no século XX, além de um grande salto no cinema e na TV foi um momento de transformações das tecnologias, em especial o meio da informática. E isso é denominado revolução digital. A partir daí as NTCIs proporcionaram novas formas de linguagem: como a conectividade, interação e hipertextualidade.

De acordo com Ramal (2003), durante séculos a oralidade era a forma de transmissão de saberes; depois veio a escrita para complementar a outra. Agora

aparecem as novas tecnologias e reverterem esse modo estável, fixo, por algo inovador, flexível, fluido.

A educação está em constante mudança, mas há sempre resistência e é nesse meio que aparece a educação a distância (EaD). De acordo com a autora acima, tanto a EaD quanto a tradicional são industrializadas, isto é, de massa e muitos não sabem. Eis o motivo da dúvida em relação à qualidade de ensino entre elas. Apontam que a EaD não é tão eficiente em relação ao mercado de massa.

Essa é a era das novas tecnologias; as redes interligadas em tudo e em todos. Do ponto de vista do mundo digital, a escola tradicional é vista como fixa, que determina o conteúdo, faz tudo antes de conhecer os alunos. Já através dos meios tecnológicos a educação a distância (EaD) ganha espaço pela variedade de suportes da pós-modernidade como: suportes hipertextuais, suporte para a interação entre professores e alunos ou entre alunos e alunos.

O importante é observarmos que como não existe uma única forma de desenvolver a educação presencial, não existe também uma única forma para desenvolver a EaD *online*.

A EaD ganha espaço no mercado e aparece cada vez mais em nossos contextos como uma opção produtiva e de boa qualidade diante das mudanças ocorridas na sociedade e conseqüentemente na educação.

Consoante Belloni (2006), através dessas mudanças a EaD entra como um meio eficaz em grupos como o ensino superior e em cursos para a população adulta. O indivíduo do século XXI precisa adaptar-se as novas condições de vida. E com certeza a educação daqui para frente será uma mistura de sistema presencial e a distância.

Para Peters (1983, p.111):

Estudo a distância é um método racionalizado (envolvendo a definição de trabalho) de fornecer conhecimento que (tanto como resultado da aplicação de princípios de organização industrial, quanto pelo uso intensivo da tecnologia que facilita a reprodução da atividade objetiva de ensino em qualquer escala) permite o acesso aos estudos universitários a um grande número de estudantes independentemente de seu lugar de residência e de ocupação.

De acordo com o presidente da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, a EaD era vista como um ensino de baixa qualidade, direcionado para pessoas pouco instruídas. Mas, a partir de 1990, a visão

começou a ser diferente com o aparecimento da internet. Diante disso, a EaD começou a se igualar com o ensino presencial. Na internet, através de fóruns, *chats*, e-mails; a interatividade que é o principal foco da EaD é estabelecido e cumprido.

Há várias definições para EaD, mas para Peters (1983), é um meio de transmitir conhecimento e inclui a divisão de trabalho e o uso de meios técnicos para produzir material de ótima qualidade para atender a uma grande parte de estudantes, mesmo com a distância geográfica. É uma maneira industrializada de ensino e aprendizagem.

Na EaD, o papel do professor não é o mesmo da educação tradicional. Não há uma prioridade nas necessidades do aluno, não há uma interação pessoal. Há uma maior importância nas regras técnicas e não no social.

Conforme Belloni (2006), o papel do professor na EaD é múltiplo e muitas das vezes ele não se sente preparado para isso. Na verdade quem ensina na EaD é a instituição. Baseado no estilo fordista, o papel central não é o do professor, o ensino está caracterizado pela divisão de tarefas. Já no ensino tradicional o professor é a figura central. O professor na EaD precisa ter coordenação em grupo, e isso não é fácil; além de produzir materiais, planejamento e avaliação do aluno. O professor deverá tornar-se companheiro dos alunos na construção de conhecimento.

Para Belloni (2006), o desenvolvimento econômico do período capitalista era baseado em modelos fordistas, isto é, um modelo planejado, de massa. Mas com as transformações esse modelo não se encaixava mais com as exigências da sociedade.

Através de todas essas mudanças tudo se transformará com o tempo na educação aberta. E a era em que estamos vivendo é baseada em bases pós-fordistas juntamente com as NTCIs. Essa nova era pós-fordista é mais flexível e inovadora.

Por isso, como aponta Belloni, diante das mudanças sociais e econômicas a aprendizagem aberta e a distância (AAD) é uma boa opção por proporcionar autonomia e flexibilidade ao aluno. Há uma maior preocupação com os processos de ensino e menor com o processo de aprendizagem.

A mesma autora observa que o conceito de aprendizagem aberta e a distância diz respeito ao lado educacional e o lado do estudante (tempo e espaço, liberdade e ritmo) próprio do aluno.

Moran (2003) aponta que EaD não é a mesma coisa que educação *online*. A primeira é bem mais abrangente. A segunda é desenvolvida por meios telemáticos. Os cursos *online* estão se associando a cursos presenciais para dar um melhor resultado com os alunos. A aceitação desses cursos não é muito favorável, a mentalidade da sala de aula tradicional ainda tem muito peso.

Consoante Moran (2003, p. 39) “pode-se definir educação online como o conjunto de ações de ensino-aprendizagem desenvolvidas por meio de meios telemáticos, como a internet, a videoconferência e a teleconferência.”

Mas em pouco tempo essa diferença acabará. Os cursos presenciais não serão totalmente presenciais e os cursos a distância terão maior contato de imagens entre os participantes.

De acordo com Silva (2003a), os professores que ministram cursos via *online* agem para estimular os alunos a interferirem na sua própria aprendizagem.

Belloni (2006, p. 31-32) aponta que:

Enquanto para a EaD os parâmetros definidores essenciais são a separação professor/aluno e o uso de meios técnicos para compensar esta separação, na aprendizagem aberta (AA) estes elementos podem estar presentes, mas não são considerados essenciais: AA se define fundamentalmente por critérios de abertura, relacionados a acesso, lugar e ritmo de estudo.

EaD refere-se a um sistema de educação mais voltado aos “ensinantes”; AA é voltada para a modalidade de ensino em relação aos “aprendentes”, observa a mesma autora.

A autora acima aponta que (2006, p. 81), “esta evolução provável não modifica fundamentalmente a característica principal do ensino a distância que é a **transformação do professor de uma entidade individual em uma entidade coletiva.**”

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir de *e-textos* presentes no site do portal *Educarrede* pudemos observar como se constroem as práticas discursivas e identitárias para nossa análise. O objetivo deste trabalho foi o de identificarmos o funcionamento discursivo nos meios digitais, discutir as questões do sujeito e da identidade num mundo contagiado pelas NTCIs, focalizando o papel desses discursos na produção da identidade do professor. Diante da mídia no cotidiano das pessoas é relevante investigar a questão da identidade, principalmente, do professor.

Nossa análise iniciou-se, num primeiro momento, com a observação da *homepage* para verificarmos como esta constrói o layout do portal *Educarrede*. Tal observação e descrição do *layout* teve o intuito de conhecermos a composição da materialidade linguística e visual do site, para em seguida especificarmos os recortes realizados no *corpus* para análise e interpretação dos discursos.

O portal *Educarrede* é um portal educativo dirigido para educadores e educandos da rede pública de ensino e outras instituições de educação. Ele é promovido e apoiado pela Fundação Telefônica; CENPEC; Fundação Vanzolini e outros. Esse portal possui vários fóruns de discussão em relação a assuntos atuais e, principalmente, outros ligados à inclusão digital e as NTCIs.

A apresentação do portal pode ser vista no link “O que é Educarrede”. Nesse link encontramos um *e-texto*, em espanhol, explicativo que inicia com um título em forma de pergunta retórica, seguidas de mais duas questões: Quais são seus objetivos? Quem somos? O texto-resposta para cada pergunta direciona o que o interlocutor deve pensar sobre o portal e, conseqüentemente, as respostas soam como uma verdade sem questionamento, sem possibilidades de outras respostas. Sabemos que a pergunta retórica é utilizada no processo argumentativo como um meio de orientar as respostas do interlocutor para que este não reflita sobre a possibilidade de outro conteúdo, assim as respostas direcionam, conduzem a reflexão daquele que participa da interlocução, sem que o mesmo, na maioria das vezes, se dê conta dessa orientação.

As respostas afirmam que o portal - impulsionado pela Fundação Telefônica - se propõe a favorecer a integração das novas tecnologias da informação e da comunicação em instituições educativas com o propósito de enriquecer as práticas de ensino, promover aprendizagens genuínas e construir conhecimentos socialmente relevantes. Podemos notar nessa prática discursiva o início da construção de uma identidade positiva para o portal: moderna; assentada na responsabilidade social; inovadora na utilização das novas ferramentas tecnológicas na produção do conhecimento. Um portal que tem responsabilidades, sério e preparado para ajudar o “novo professor”, aquele que precisa estar por dentro da sociedade da informação e do conhecimento e que saiba dominá-la, bem como utilizar todos os dispositivos oferecidos por essa sociedade.

Essa prática discursiva reforça o discurso atual que circula dentro da sociedade por meio de documentos da área e na mídia em geral: a de que educar hoje não significa apenas transmitir o legado cultural às novas gerações, mas também ajudar o aluno a aprender a aprender, despertar vocações, proporcionar condições para que cada um alcance o máximo de sua potencialidade e, finalmente, permitir que cada um conheça suas finalidades e tenha competências para mobilizar meios para concretizá-las. No caso o uso dos dispositivos tecnológicos é o ponto chave para se conseguir concretizar essa ideia de educação que foi intensificada na Conferência Internacional sobre Educação promovida pela Unesco, quando se produziu o documento “A Declaração Mundial sobre a Educação para Todos”.

Nesse documento se ressaltava que o compromisso essencial da educação se compunha de quatro aprendizagens essenciais: **Aprender a conhecer. Aprender a fazer. Aprender a viver junto. Aprender a ser.** Dessa forma o educador não nasceria pronto. Ele seria formado ao longo de sua própria caminhada de professor. Ao repensar sua prática pedagógica, o professor descobriria em quais pontos está pronto e em quais é essencial evoluir. Mas tudo isso deve ser feito com serenidade, pois assim saberá identificá-los e incorporá-los, distanciando-se cada vez mais das rotinas de professauros (ANTUNES, 2007).

A prática discursiva da responsabilidade social e do portal como referência e mestre na arte de ensinar o professor a ensinar utilizando e inovando com as novas tecnologias ressalta-se na citação abaixo:

O Portal Global EducaRede é um projeto surgido do nosso mais firme compromisso com a inovação e que, graças a uma profunda renovação tecnológica, vai nos converter em um portal muito mais moderno, no qual será possível encontrar mais vantagens e serviços - Marian Juste, gerente do EducaRede Espanha (na foto acima, primeira da esq. para dir.).

Todos os países já realizam projetos diretamente com professores, alunos, pais e comunidade escolar. Alguns, como o Brasil, também acumulam até mesmo experiências de intercâmbio. Propiciar a integração de todas essas iniciativas é um grande avanço e quem ganha com isso são os próprios usuários - Sergio Mindlin, diretor presidente da Fundação Telefônica no Brasil.

O Portal é composto também por vários links direcionados aos professores para “turbinar sua aula”, comunidades e dicas para melhor utilização da internet, explicações sobre o programa *Educarede*, murais, cursos oferecidos aos professores, principais notícias sobre educação e tecnologia e vários outros assuntos ligados à educação.

No início da página, aparece somente o nome do portal: *Educarede*; com o slogan ao lado, *a porta aberta para a educação*⁷. E logo ao lado aparecem as instituições parceiras que apoiam o portal que são: Fundação Telefônica (em evidência), CENPEC e Fundação Vanzolini. As cores que predominam no site são o branco e o azul claro e escuro.

O substantivo próprio “*Educarede*” cria possibilidades de sentido, no mínimo duas: a primeira um site que trabalha com educação e web – sentido literal -, outro jogo enunciativo proposto pelo nome é o de um site que educa a rede (web), ou seja, orienta o que acontece no mundo virtual, uma escola na rede.

Do lado esquerdo da página, no alto da barra de ferramenta, temos o link para que o usuário se cadastre no *Educarede*, e depois disso tire suas dúvidas a respeito de tudo sobre o portal. Logo abaixo, temos os canais: comunidades, Internet na Escola, Recursos Educativos, Revista Educarede, Serviços, Multimídia. Dentro desses links há outros relacionados aos temas. Depois aparecem as ferramentas que o portal oferece: bate-papo, fórum, galeria, oficina de criação.

No centro da página, estão dispostas as notícias que estiveram em evidência na semana, todas relacionadas à educação, aos educandos e educadores. Além disso, há espaço para propaganda de telefones celulares,

⁷ Na época da coleta de dados o portal apresenta-se com o *slogan*, atualmente o designer do site modificou-se. O *slogan* não aparece mais e temos apenas do nome do portal EDUCAREDE no alto da homepage, lateral esquerda.

mostrando como é importante na vida profissional de cada um ter o aparelho. Ainda na parte central da *homepage* encontramos vários links e direcionamentos: as atualidades sobre o mundo da educação dão-se notícias e colocam-se a agenda com os eventos educacionais ocorridos e que vão ocorrer no país.

Na parte direita da página, surge escrito: *O que é o Educarede*. Há links para conhecer o portal, destacam as publicações, as instituições parceiras, os congressos, as aulas com a Fundação Telefônica, os cursos *online*, mostram-se enfim, como esse portal educativo feito especialmente para o professor, funciona.

O site *Educarede* é uma extensão do site da Telefônica, tem o caráter social da iniciativa privada. Por isso, há uma maior ênfase da propaganda da Telefônica. A partir desse portal, analisamos como o professor produz seu discurso, quais as práticas discursivas presentes nesse portal e como o professor produz sua identidade.

A partir dos *e-textos* podemos perceber a forte presença do discurso publicitário presente nas divulgações de cursos; a presença do discurso informativo, do discurso autoritário e do discurso colaborativo. Por meio dessa estratégia o portal assume a posição discursiva de mestre que escolhe as melhores leituras para seus discípulos, nesse caso, o professor. Como no exemplo abaixo, podemos perceber o entrelaçamento do discurso publicitário, do informativo, do autoritário e colaborativo:

Minha Terra 2009



[A Comunidade Virtual está no ar com muitas inovações nas ferramentas interativas, nas pautas, nas atividades, nos desafios e na metodologia de trabalho. Você é nosso convidado. Faça um "tour" pelo ambiente, explore e interaja!](#)

O projeto proposto pelo portal denominado “Minha Terra: Aprender a inovar” é divulgado no site como uma ação de extrema inovação (informação), seguido de um discurso colaborativo, ou seja, o enunciado “Você é nosso convidado” coloca o usuário como alguém que tem o poder de escolha e ao mesmo tempo alguém que faz parte de um grupo, de uma comunidade educativa e colaborativa. No entanto, o discurso autoritário e publicitário finaliza a divulgação do projeto com a reiteração de vários verbos no imperativo, como ordem: faça, explore e interaja.

No site para que o professor se sinta valorizado, colocam-se as dicas a serem seguidas. Nota-se aqui a desvalorização do profissional, pois se ele fosse valorizado não precisaria de um site para indicar o que se deve ou não fazer para ser o melhor. Tudo isso gira em torno do consumo. E tudo isso afeta o lado individual, a identidade do sujeito-professor.

Muito se tem discutido a respeito da identidade na contemporaneidade. Através dos *e-textos* presentes no site pudemos observar como aparecem as práticas discursivas e subjetivadoras e como os discursos a sustentam. Nos *e-textos* percebemos modelos de sujeitos requisitados na contemporaneidade, o *sujeito digital*. Como podemos verificar na citação abaixo:

Artigo relata experiência do uso do microblog em escolas participantes da "Comunidade Virtual Minha Terra", projeto desenvolvido pelo EducaRede desde 2007, e dá pistas de como reproduzir esta iniciativa. Confira:

- **Um passarinho me contou...Uso do Twitter na Educação Básica.**
- **Em tempos de Web 2.0 - Twitter e Webcurrículo.**
- **O Twitter no Minha Terra 2009 – a articulação do recurso com projetos pedagógicos.** (PORTAL EDUCAREDE, 2009)

A citação foi retirada do link *Ensinar com a internet*, em que cada uma das experiências do projeto focam a utilização das novas tecnologias por professores que quiseram - como o próprio discurso orienta -, inovar e se tornar um *professor digital* ou mais especificamente um *professor 2.0*, pois em tempos de *Web 2.0* o bom profissional da educação é aquele que sabe e domina o uso do *microblog* (*twitter*). Pouco tempo antes eram os *blogs*, agora são os *microblogs*:

Twitteiro é aquele que posta mensagens no Twitter, e significa o gorgoio, o trinado, o chilrear de um pardal. E, sabemos que, quando um passarinho canta, seus parceiros logo respondem... Ou seja: twittar é fazer barulho, ser ouvido, ser visto, ser notado, ser lido... enfim: INTERAGIR! (PORTAL EDUCAREDE, 2009)

O professor agora deve ser um *twitteiro*: fazer barulho para ser ouvido, visto, notado, enfim lido. Antes o perfil do professor era de alguém que não

precisava fazer barulho para ser ouvido, simplesmente o fato de ser o professor já era sinal de respeito e, portanto, de merecimento para ser ouvido, sem ter necessidade de fazer barulho para conseguir a atenção dos alunos. A sala de aula era local de concentração, ambiente de silêncio e a interlocução era realizada num tom mais ameno, sem barulho para que cada um no processo pudesse ser entendido.

A partir das NTCIs, vai se construindo uma imagem fictícia do sujeito para representar algo que alguém quer que represente. E a partir dessa subjetividade, a identidade vai sendo construída e transformada de acordo com a necessidade de outros.

Baseando-se nas palavras de Bolter & Grusin (2002, p. 245):

[o ciberespaço] permite-nos ocupar a posição e, portanto, o ponto de vista, de pessoas ou criaturas diferentes de nós. Ocupar múltiplos pontos de vista (em série e não raro simultaneamente) torna-se um novo bem positivo e talvez a maior liberdade que nossa cultura pode oferecer no momento presente.

O que está postado responde as seguintes perguntas:

“ *Professor 2.0*: Você tem usado os recursos da *Web2.0*? Sabe o que é isso? Já fez seu *upgrade* para a versão “ *Professor 2.0*”? Seus alunos já estão pensando em migrar para a *versão 3.0*, que vem aí, e você precisa estar “ antenado”. Então não fique de fora dessa discussão (PORTAL EDUCAREDE, 2008)

Ao refletirmos sobre as práticas discursivas, observadas nos *e-textos*, percebemos que em todas elas o depoente procura inserir-se na ordem discursiva imposta pelo Portal, implicitamente, colocadas num primeiro momento pela própria sequência das questões. Depois, na utilização dos substantivos, como *upgrade* que virou jargão no universo da informática como sinônimo de modernização, avanço, tornar mais poderoso, seguido do substantivo próprio designativo do desenvolvimento tecnológico da *Web*. Os dois questionamentos, na verdade, são perguntas retóricas: a resposta é única, a solução também única, o caminho a ser seguido igualmente. A conclusão é de que não se pode ficar fora da discussão. Mas como pode haver discussão com o direcionamento das respostas. Logo, há a ilusão de discussão, quando, na verdade, o espaço é para o desabafo, as justificativas, e a permanência do discurso da naturalização do uso das novas tecnologias e da objetivação do homem.

Percebemos nos *e-textos* discursos de exclusão. Há um conflito entre os tipos de professores. Os depoentes se julgam *Professores 1.0*, pois não conseguem dominar ainda as ferramentas da *Web 2.0*. Nos *e-textos*, na maioria das vezes, o sujeito mostra o discurso angustiado de um ser dividido, em plena relação de forças entre ser um indivíduo (com sua individualidade, crenças e valores) e pertencer ao grupo dos incluídos. Para aplacar sua angústia e seu temor de ser excluído, propõe a reflexão sobre o novo e ação da democracia digital. O depoente sente-se seguro e sua prática discursiva insere-se no discurso informativo, ou seja, procura mostrar que é um sujeito bem informado e ‘atenado’ nos acontecimentos do momento, mas apesar disso se sente ainda como um professor ultrapassado, *1.0*.

Em alguns *e-textos*, o depoente declara que o problema não está no professor, mas na falta de oportunidades que são dadas a ele, na falta de tempo. Percebemos um discurso desestimulante e sem convicção em relação às ferramentas da *Web 2.0*. Mas no final ele se dispõe a usar as ferramentas e afirma que é o professor que deve atualizar-se para a inserção no mundo digital, tudo depende dele e a internet é um dos caminhos.

Na verdade todos os *e-textos* apresentam um sujeito paradoxal, disperso e contraditório, por não saber utilizar algo desconhecido. Suas práticas discursivas inserem-se no discurso oferecido pelo portal e pelas mídias em geral: o professor não sabe utilizar as NTCIs, quando o sabe não tem consciência do porquê as utiliza. Assim, para não ser julgado e nem descartado do grupo e entrar na ordem discursiva estabelecida, o professor afirma que irá seguir as recomendações de leituras e de ação para tornar-se um *Professor 2.0*.

O sujeito é produzido na heterogeneidade do discurso. Tem-se no portal a construção identitária do *Professor 2.0*, o professor da liderança, da criatividade, aquele capaz de alcançar o sucesso. No discurso dos *e-textos* são construídos sujeitos para atender um requisito da modernidade líquida, sujeitos que são a extensão da rede, dos dispositivos: o sujeito digital.

Tudo que dissemos acima veremos a partir dos depoimentos seguintes postados por professores nos fóruns relacionados à educação.

No depoimento 1 (Anexo A), o discurso de exclusão é predominante. Há um conflito entre os tipos de professores, e os depoentes se julgam *Professores 1.0*, pois não conseguem dominar ainda as ferramentas da *Web 2.0*. O sujeito tem

um discurso angustiado de um ser dividido, em plena relação de forças entre ser um indivíduo (com sua individualidade, crenças e valores), mas pertencer ao grupo dos incluídos. Para aplacar sua angústia e o temor da exclusão, propõe a reflexão sobre o novo e a ação da democracia digital. O depoente sente-se seguro e sua prática discursiva insere-se no discurso informativo, ou seja, procura mostrar que é um sujeito bem informado e ‘antenado’, isto é, voltado aos acontecimentos do momento, mas apesar disso se sente ainda como um professor ultrapassado, 1.0. Através dos questionamentos, dos pontos de interrogação usados no depoimento podemos perceber que os professores não sabem como responder sobre seu não envolvimento com as novas tecnologias, direcionam perguntas e colocam a culpa na instituição, como podemos perceber no trecho: “O que para a escola é mais importante? O serviço burocrata da secretaria ou o acesso dos professores há um mundo ilimitado de oportunidades?”

No depoimento 2 e 3 (Anexo A), está claro que o Portal funciona como um orientador, moderador e formador de opiniões para os milhares de professores, que se angustiam por não pertencerem ao mundo digital da informática. As falas dos professores, informando sobre as novas tecnologias e dando dicas de como usá-la explicita o papel dominador do portal. Com o uso de uma linguagem formal e verbos no imperativo deixa explícito o tom de aconselhamento que o portal exerce sobre esses depoimentos como podemos observar nesses trechos:

Dependendo da postura do educador a tecnologia se torna aliada no sentido de oferecer novas formas na construção do conhecimento, tendo como pontos positivos a interação e a rapidez na obtenção das informações (PORTAL EDUCAREDE, 2008).

Ou nesse trecho, “É importante que o professor se atualize, pois os alunos já dominam na sua maioria o computador”. A partir da ordem discursiva da importância e da necessidade o professor é orientado a dominar as novas tecnologias, pois se pressupõe que se não o fizer ficará excluído do processo, pois sua clientela já domina e como este profissional poderá ser o mestre se não sabe usar aquilo que é utilizado pelo seu alunado de forma cotidiana. Nesse caso, a ordem discursiva coloca a tecnologia como estrela do processo e a prática pedagógica e o conhecimento do conteúdo da disciplina do professor são relegados a um segundo plano: a aprendizagem depende do uso e do domínio das tecnologias.

Na concepção de Foucault (2000), a educação teria como finalidade estender a liberdade de discurso, mas não é assim que acontece, ao contrário é o discurso que permite e impede os sujeitos por meio das “instituições”. Quando não se tem o direito à liberdade de escolha, o discurso não é livre.

No depoimento 4 (Anexo A), a utilização formal da linguagem corrobora o discurso do portal. Para Carmagnani (2006), o mundo contemporâneo nos dá ideia de múltiplos discursos, mas na verdade essa multiplicidade é ilusória, pois o que é institucionalizado dita o que pode e deve ser dito. De fato as regras são organizadas pelo grupo, mas o indivíduo tem a ilusão de controle do discurso.

Nesse mesmo depoimento (4), o modo como o professor profere o seu discurso mostra que só é válido o discurso imposto pelo portal. Suas palavras são contundentes e autoritárias: “Quem tem acesso à informação pode desenvolver o conhecimento e conhecer e opinar sobre a verdade e desenvolver a verdadeira democracia.”

O uso de verbos no imperativo impondo a prática discursiva imposta pelo portal que é a de ajuda, conselheira fica claro nesse depoimento: “Colabore com sua individualidade para que possamos criar uma nova forma de coletividade participativa e democrática.”

As mudanças que as NTCIs têm causado na educação trazem desconforto e insegurança aos profissionais, pois equivocadamente a máquina está sendo comparada ao professor, parece até ser mais valorizada. No depoimento 5 (Anexo A), a professora observa a grande importância da tecnologia para os encontros pedagógicos que a escola promove; como se o modo antigo, sem o uso das NTCIs fosse ineficiente. Mas ao mesmo tempo, ela admite que é muita informação para ela, por isso se considera uma professora *Web 1.0*.

As mudanças de valores afetam a vida do profissional causando-lhe mudanças conflitivas de comportamento. Os professores estão se tornando escravos discursivos da tecnologia. Há um conflito constante entre ter liberdade e não ter; ser alguém ou não ser; o novo e o velho; metodologia antiga e reciclagem. Isso tudo fica claro no depoimento 5 (Anexo A), em que o professor confessa a luta por um novo modo de trabalho, mas ao mesmo tempo se considera como um corpo *Web 1.0*.

No depoimento 6 (Anexo A), a professora tenta criar uma imagem ideal de si mesmo, em relação às exigências institucionais da sociedade. Ela se coloca

como usuária da *Web 2.0* desde 2006 e fala dos seus projetos, divulgando inclusive o site onde se encontram os trabalhos. A imagem que cria para si mesma é a mesma criada pelo portal: os professores devem ser “*profissionais antenados*” às novas tecnologias.

A professora por meio da utilização de termos próprios da linguagem da internet em seu discurso, tais como: *pbwiki*, *web 2.0*, *blogs*; procura mostrar-se integrada com às novas tecnologias e familiarizada com termos próprios de quem usa frequentemente essas ferramentas no seu cotidiano e, através disso, sente-se segura para dar conselhos e apresentar seu trabalho para quem quiser ver. A prática discursiva procura criar uma imagem de professora inovadora, integrada aos novos tempos, além disso, funciona como exemplo para outros que queiram também estar incluso neste processo.

A identidade do professor ideal está vinculada ao seu desempenho produtivo. Há também nos *e-textos* o discurso da exclusão em relação aos professores que não lidam com as novas tecnologias no cotidiano escolar. Como por exemplo, dentro do portal só há novidades para quem souber lidar com as ferramentas. Há vários artigos direcionados para professores que lidam e estão interessados em aprender mais a respeito do assunto, intitulados como: *Aprendendo a aprender com as TICs*, *Professor ainda melhor*, *Professor 2.0*, *Professor Digital*, e outros.

Tudo é direcionado para quem sabe lidar com as ferramentas da *Web 2.0*. Quem não sabe, de acordo com as discussões do portal, estão de fora da discussão como já observamos acima.

Há um conflito entre os dois tipos de professores: o tradicional e o digital. O sujeito é produzido na heterogeneidade do discurso. Têm-se o professor da liderança, da criatividade; aquele capaz de alcançar o sucesso. O professor tradicional tem que apresentar a identidade do “*professor antenado*”, “*digital*”, *Web 2.0*.

Foucault (2007) assinala que o sujeito é o resultado de uma prática, é sempre fabricado. Desse modo as ferramentas da *Web*, o uso do computador funciona como dispositivo encarregado de fabricar um tipo determinado de indivíduo. Parte-se do pressuposto de que o sujeito constitui sua identidade por meio do/no discurso. E as práticas discursivas formam o saber de uma dada época, os arquivos, isto é, os enunciados efetivamente ditos e o funcionamento dos discursos. Assim, os

discursos articulam o que é pensado, dito e feito, como outros tantos acontecimentos. Foucault (2007) considera que o homem da modernidade é um homem cindido, fragmentado, disperso, e não um homem consciente de si, de suas escolhas, livre.

Podemos perceber através do discurso dos professores a mistura de discursos. O discurso pedagógico se mescla com o discurso informativo como vimos nos depoimentos analisados. E agora notamos a presença do discurso midiático entrelaçando com os outros e se sobressaindo, pois é o assunto do momento.

Conseguimos notar claramente nos depoimentos dos professores que os discursos proferidos estão distantes da realidade do professor. Às vezes notamos a falta de entendimento sobre o assunto e até mesmo a questão da escrita que é bem precária. Muitas vezes lhes falta o próprio letramento tradicional e já têm que se adaptar com o letramento digital. A partir daí, aparece a angústia presente nos discursos. Ficamos na questão de estar incluído e excluído ao mesmo tempo.

Bauman (2005) acrescenta que a noção de identidade na contemporaneidade está ligada à globalização. E para se obter a identidade é necessário levar em conta as decisões que o próprio indivíduo toma, como ele decide e põe em prática tais decisões. No entanto, o filósofo ressalta que a vida moderna está ligada à modernidade líquida, ou seja, o indivíduo não está certo de nada, não está em chão firme com suas escolhas. Por isso, não há como ter uma única identidade muda-se de acordo com a situação. Ela está em construção e reconstrução a todo o momento.

Consoante Bauman (2001), atualmente, tudo é considerado instável. Ainda para esse autor, o maior dilema do homem moderno é ter que se tornar um indivíduo com uma identidade própria e ao mesmo tempo pertencer a um grupo, um fato impossível de ocorrer. Isso o torna confuso e angustiado, pois é impossível pertencer ao grupo e, ao mesmo tempo, constituir-se em um ser individual.

O conflito nos remete à resistência de Sócrates ao uso do registro escrito. E há uma verdade histórica que não se pode duvidar; pois o conhecimento que se tem hoje do pensamento socrático é devido ao código verbal escrito.

O substantivo próprio *Professor 2.0*, título de um dos fóruns do Portal, designa a tão sonhada “individualidade” do professor, o domínio dos dispositivos da *Web 2.0* pode ser determinante para diferenciar aquele que se encontra à margem e, ao mesmo tempo, pode também colocá-lo no grupo seletivo dos que estão incluídos

no mundo digital. Aparentemente, o professor estaria conseguindo fazer o impossível: ser ao mesmo tempo indivíduo e pertencer ao grupo.

O perfil traçado do *Professor 2.0* no fórum é de uma pessoa que entende e usa todos os recursos tecnológicos e, principalmente, sabe utilizar o recurso que anuncia “*Web 2.0*”. Quem não se encaixa no perfil estabelecido pelo fórum são aqueles que não se encontram adaptados com as ferramentas da *Web 2.0*, não as experimenta e, nem procura aprender sobre elas, portanto são os excluídos. O discurso do fórum deixa claro que: tais pessoas são profissionais ultrapassados. Dessa forma, o fórum parece delimitar qual deva ser a identidade do professor na contemporaneidade.

Podemos pensar que o fórum presente no Portal funcione como um orientador, moderador e formador de opiniões para os milhares de professores, que se encontram angustiados e afoitos para pertencerem ao mundo digital da informática. É por meio dos discursos circulantes neste fórum que o professor internauta pode perguntar, responder, participar e adquirir o discurso necessário para compor o perfil e a identidade do *Professor 2.0* exigido para a inserção dele no mundo da informática. Há também um apagamento de todos os problemas que envolvem o domínio das novas tecnologias que vão desde a disponibilidade de tempo até questões econômicas, físicas, sociais, etc.

Assim, o aparecimento do sujeito pode ser observado nas lutas, no espaço aberto pelas NTCIs, é aí que ele exerce seu papel de sujeito. O sujeito não é novo nem velho; é o resultado do tempo que estamos vivenciando, a modernidade líquida.

De acordo com Foucault (2000), o discurso é sempre difícil, mas não é impossível porque ele está na ordem das leis. Para que se possa produzi-lo, antes se tem que selecionar o que dizer, pois não se pode dizer tudo que se quer. O discurso é considerado pelo autor como um objeto de poder. Foucault (2000) aponta que no discurso é importante o que é dito, não existe uma verdade. Esses discursos são sempre um *já dito*. Para que alguém construa sua própria identidade é relevante o que se diz. Quando assumimos um determinado discurso incluímo-nos em um determinado grupo e excluimo-nos de outro grupo.

Para Foucault (2000), o sujeito é constituído historicamente a partir de determinações que lhe são exteriores. Do ponto de vista da linguagem, todas as características que estão no processo de construção identitária são marcadas por

discursos historicamente constituídos. Por isso, para que se pertença ao grupo do mundo digital é imprescindível que se fale o mesmo discurso e, no momento, o que é importante é inserir-se nesse mundo e utilizar todos os recursos ali disponíveis.

O mundo em que nos encontramos hoje, o de modernidade líquida, das altas tecnologias, da rapidez, a sociedade de mercado e da globalização é aquele discurso dominante. O que a mídia impõe, privando o sujeito de pensar e refletir e, com isso, forma-se um indivíduo padrão, o sujeito *Web 2.0* ou Digital.

De acordo com Coracini (2006), o professor se vê interessado em aprender a lidar com as novas tecnologias e, ao mesmo tempo, angustiado com a dificuldade e a novidade que elas trazem. O professor tem que aprender a lidar com o material para maior interesse do aluno, maior motivação. Do contrário, ele poderá ser substituído.

Essas mudanças têm trazido desconforto e insegurança aos profissionais. Hoje a máquina está sendo comparada ao professor, parece ser mais valorizada que o profissional. Não há como não ter crise identitária. A mudança de valores está afetando a vida do profissional e causando essa mudança de comportamento. Os professores estão escravos da tecnologia. Há um conflito entre ter liberdade X não ter liberdade; ser alguém X não ser; o novo X o velho; metodologia antiga X reciclagem.

Nos *e-textos* que observamos, os professores reconstróem suas identidades, criam um “novo personagem”, reinventam-se para suprir o que lhes falta. Através da visão do “professor antenado” que busca o “novo”, está um professor na realidade inseguro que se sente fracassado.

Conforme Foucault (1997, p. 166), não há como “estabelecer uma diferença entre o que seria novo e o que não seria”. A identidade não se faz só de coisas novas, o velho sempre permeia o novo, está ali. O professor tenta fixar-se em um determinado grupo, em uma determinada identidade imposta pela situação.

O sujeito professor está sendo comparado a uma máquina e essa máquina como aponta Kleiman, Vieira (2006), as pessoas não estão pensando na máquina como puro objeto, mas sim como um objeto com que temos intimidade e contato, que participa do cotidiano das pessoas.

De acordo com as autoras acima (2006, p. 130), o sujeito atual é:

Um sujeito dividido, multifacetado, necessita de uma escola que o ensine a lidar com os impactos identitários das novas tecnologias e que o prepare para fazer uso dessa nova linguagem, para seus fins.

O professor tenta criar uma imagem ideal de si mesmo, ideal em relação às exigências da instituição, da sociedade. Esta é a sociedade do consumo, tudo gira em torno do nosso “eu” e essa ideia de liberdade, autonomia faz o sujeito pensar que tem controle de tudo.

A máquina está dominando o sujeito, pois o sujeito se deixa ser dominado. A máquina e a sociedade nos exigem muito. Ela tem o poder sobre nós como um vício. Segundo Coracini (2006, p.153):

se identidade remete a mesmidade, a ipseidade, a pertença, cada vez menos nos vemos e vemos os que nos cercam como os mesmos, como pertencendo a grupos determinados, definidos e estabilizados, num mundo em que as certezas escapam, os valores se derretem, as instituições fingem, o sujeito se automatiza [...]

Como no trabalho de produção onde o trabalho do homem pode ser substituído por robôs ou máquinas acontece o mesmo com o professor que está sendo igualado com a máquina, como um objeto descartável, que se não estiver de acordo com as regras impostas pelo portal, é descartado e substituído.

De acordo com as palavras de Carmagnani (2006), hoje o importante é ser eficaz, produzir o que o mercado precisa. E o mercado quer professores que saibam lidar com as novas tecnologias.

O mundo contemporâneo nos dá ideia de múltiplos discursos, mas na verdade essa multiplicidade é ilusória, pois o que é imposto pela instituição é o que pode ser dito. Na verdade, as regras são organizadas pelo grupo e o indivíduo tem a ilusão plena de controle desse discurso, observa a autora acima.

Para Ferreira (2006, p. 171), “na sociedade atual, de grandes tecnologias, em que nosso tempo é um instante e nosso espaço, um quase nada, a questão da subjetividade se faz ora intensa pelas forças que a circundam, ora por seu apagamento.”

O discurso, as práticas discursivas são as mesmas; a do professor que nunca pode se acomodar tem sempre que estar atualizado e procurando coisas novas para tornar-se o professor do momento.

A ilusão causada pela mobilidade espaço-temporal, fruto da articulação midiática em rede, parece confundir quantidade e qualidade, ao mesmo tempo em que parece

ignorar a constituição do sujeito como agente do processo histórico, mas com limites físicos e psicológicos, o discurso e as práticas discursivas são as mesmas: o professor nunca pode se acomodar tem sempre que estar atualizado e procurando coisas novas para ser o professor do momento. E para ser o professor do momento, precisa entender tudo sobre as ferramentas da *Web 2.0* e, assim, será o *Professor Digital Web 2.0*.

As indagações contemporâneas são muitas: como ensinar com o novo meio de comunicação; como agir como professor diante disso? O que percebemos é que diante desse mundo líquido onde tudo é passageiro, frágil; as identidades dos professores tradicionais serão obsoletas. O momento é de nos renovar por meio das NTCIs e de nos transformar no *Professor 2.0* ou quem sabe no *Professor Digital 3.0* ou uma potência maior.

As ferramentas da *Web 2.0* são úteis e com certeza ajudam e muito o trabalho do professor, coloca-o em contato com o mundo digital, mas não significa que suas habilidades, suas qualidades estejam intimamente atreladas a isso, pelo contrário, o conhecimento é adquirido de forma complexa e não só com a ajuda das tecnologias, ele depende do raciocínio lógico, das habilidades e disposições de cada um. Seu conhecimento está muito além para poder ser julgado somente por não saber lidar com esses dispositivos e, conseqüentemente, ser considerado 0.1, 1.0; uma posição inferior de acordo com o portal. Afinal, o professor pode ser 2.0 quanto ao conhecimento das novas tecnologias e 0.1 no que tange ao conhecimento do conteúdo de sua disciplina, ou ao contrário.

Todo o conteúdo discursivo do site reitera a identidade do *Professor 2.0* como um sujeito inovador, criativo, interativo. Esse perfil estabelecido para o sujeito professor é professado pelo site como algo “novo”, como se a identidade não fosse construída com a história do indivíduo, como se o passado fosse algo a ser descartado: a concentração, o silêncio na aprendizagem não fossem mais necessários para o processo do aprender.

No site há um campo de destaque que se denomina *Multimídia*, nele encontramos um quadro colorido com imagens de partes de um computador e frases e expressões de efeito: *Novas tecnologias; novos modos de ensinar; novos modos de aprender*. O termo “novo” permeia todos os discursos, apagando tudo que se refira ao passado, no caso o que fica como “velho”. Segundo a prática discursiva o professor deve ser “novo”, pressupõe-se que tudo que aprendeu deva ser

descartado e existiria uma nova aprendizagem, assim reitera-se a ideia do filósofo Bauman (2007) de que nossa sociedade líquido-moderna considera lixo tudo que não faz parte do presente, do imediato e, assim, o sujeito tem pavor do descarte como ocorre com a tecnologia, a cada momento surgem novos dispositivos e o tempo de durabilidade desses é bem pequeno. Por exemplo, os celulares, a cada dia surgem novos modelos, com novos dispositivos e o homem moderno descarta o seu celular antigo para possuir o modelo mais novo, não importando se o antigo continua fazendo o essencial para ele que é permitir que se comunique. O importante é mostrar as pessoas que estamos de posse do novo celular, assim o consumo torna-se uma forma de aplacar o medo de ser descartado e de mostrar que estamos dentro do grupo que é prestigiado pela sociedade: o dos incluídos digitalmente.

Podemos afirmar que com o professor acontece o mesmo: o site é uma forma de o professor mostrar que pode ser sempre novo, que pode inovar, criar, enfim ser um *Professor 2.0 ou 3.0 ou 4.0*, tudo dependerá dos dispositivos que estarão sendo lançados naquele momento. Dessa forma, parece que o essencial do indivíduo é apagado e o principal é parecer, é apresentar-se como um novo professor, assim evitará o descarte, a exclusão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apontam para práticas discursivas das novas tecnologias proferidas pela sociedade em geral, que aparecem e exigem um professor que atenda às novas condições, a da aprendizagem mediada não mais pelo professor, mas através das novas tecnologias. O professor passa a ser também um mero dispositivo: o 2.0, que a qualquer momento pode ser substituído pelo 3.0 ou por uma potência maior.

Bauman (2007), em seus livros, afirma que as instituições consideradas como sólidas foram dissolvidas e, conseqüentemente, as identidades se tornam incertas, fluidas, transitórias. Essa sociedade líquida que exige novos estilos de vida e construções de subjetividades é o mundo em que se vive o agora. Para ele, o mundo moderno é marcado pela diferença entre o que é novo e o que é ultrapassado, é importante nunca ficar para trás.

Mas, onde entra a escolha, o direito de liberdade? Na verdade, Bauman (2007) aponta que esse direito não existe ou não é usado, não há uma liberdade de escolha, muda-se de acordo com a necessidade. A identidade é imposta pelo mundo líquido-moderno.

As práticas discursivas e subjetivadoras dos *e-textos* apontam para um discurso autoritário, prescritivo e objetivador do sujeito. O tempo é de mudanças, para pertencer a ele, o professor não pode ser um professor humano, deve acoplar a seu ser às ferramentas da *Web 2.0* que o tornará o *Professor 2.0*. Assim como um objeto, o sujeito professor também precisará adaptar-se para ser produto de consumo de sua clientela: o alunado.

Nos depoimentos observados e no próprio portal, os professores são vistos como máquinas, que podem ser alterados a qualquer momento. A identidade do professor ideal está vinculada ao seu desempenho produtivo e, de acordo com o portal, para ser um professor produtivo, é relevante que o professor se utilize das ferramentas da *Web 2.0*.

Se por um lado os professores são vistos como máquinas que podem ser alteradas a qualquer momento, por outro, pode-se considerar a leitura excessivamente pessimista, talvez por estar contaminada pelo grande espanto perante as possibilidades da criatividade técnica que caracterizam a contemporaneidade. Entretanto, as práticas discursivas identificadas nos textos analisados são argumentos necessários para que se possa compreender a profundidade, ou não, das mudanças no perfil do professor. A identidade do professor ideal, segundo a ordem discursiva do portal, está vinculada ao seu desempenho produtivo, se para ser um professor produtivo é relevante somente adequar-se às ferramentas da *Web 2.0* a posição é reducionista, mas é um argumento que deve ser considerado quando se discute a formação do professor na era digital.

Este trabalho foi relevante, pois foi possível observarmos como ocorre o discurso dos professores nos meios digitais e refletirmos como eles se sentem diante das mudanças ocorridas frente às novas tecnologias. O avanço tecnológico e as mudanças através das NTCIs é algo bom, produtivo para os professores para atualizarem-se, mas não é tudo. Não há como julgar se um professor é bom ou não somente por saberem lidar com as tecnologias da *Web 2.0* como afirma o portal, mas sim no esforço em sempre tentarem atualizar-se, dedicarem-se à escola, aos alunos, aos planejamentos de aula. Seus valores estão nessas coisas e não apenas em lidarem ou não com as ferramentas da *Web 2.0*. Os professores não são dispositivos que mudam e se adaptam de acordo com a rapidez dos avanços tecnológicos, eles são humanos, com defeitos, qualidades; não máquinas, mas seres humanos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B. de. Educação, ambientes virtuais e interatividade. In.: SILVA, M. (Org.). **Educação online**: teorias, práticas, legislação, formação corporativa. São Paulo: Loyola, 2003.

ANTONIO, J. C. **Professor 2.0**. Disponível em: <[http:// www.educarede.org.br](http://www.educarede.org.br)>, publicado em 23 jun. 08. Acesso em: 10 jun. 2008.

ANTUNES, C. **Professores e professores**. Petrópolis: Vozes, 2007.

BAUMAN, Z. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Identidade**. Entrevista a Benedetto Vecchi/ Zygmunt Bauman. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **Vida líquida**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BELLONI, M. L. **Educação a distância**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

BLIKSTEIN, P.; ZUFF, O. M. K. As sereias do ensino eletrônico. In.: SILVA, M. (Org.). **Educação online**: teorias, práticas, legislação, formação corporativa. São Paulo: Loyola, 2003.

BOLTER, D. J. & GRUSIN, R. **Remediation** – understanding new media. Cambridge: London, MIT press, 2002.

BRÜNNER, J. J. **Educación e internet la próxima revolución?** Chile: Fondo de Cultura Econômica, 2003.

BRANDÃO, H. H. **Nagamine**. Introdução à análise do discurso. 5. ed. Campinas: Unicamp, 1995.

CARMAGNANI, A. M. G. Impacto das novas tecnologias nas identidades: o caso de cursos de língua *online*. In.: MAGALHÃES, I.; GRIGOLETTO, M.; CORACINI, M. J. (Orgs). **Práticas identitárias**: língua e discurso. São Carlos: Claraluz, 2006.

CORACINI, M. J. R. F. Identidades múltiplas e sociedade do espetáculo: impacto das novas tecnologias de comunicação. In.: MAGALHÃES, I.; GRIGOLETTO, M.; CORACINI, M. J. (Orgs). **Práticas identitárias**: língua e discurso. São Carlos: Claraluz, 2006.

_____. Pós-modernidade e novas tecnologias no discurso do professor de língua. In.: **ALFA**: Revista de Lingüística/ UNESP – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 50, n. 1, p. 7-21, 2006a.

_____. **A celebração do outro**: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

ECKERT-HOFF, B. M. **Escritura de si e identidade**: o sujeito-professor em formação. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

FERREIRA, M. C. L. O quadro atual da análise do discurso no Brasil. In.: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (Org). **Michel Pêcheux e a análise do discurso**: uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005.

FERREIRA, D. M. M. Espaço da localidade e da globalização: impacto e subjetivação. In.: MAGALHÃES, I.; GRIGOLETTO, M.; CORACINI, M. J. (Orgs). **Práticas identitárias**: língua e discurso. São Carlos: Claraluz, 2006.

FOUCAULT, M. (Org). **Foucault**: a critical reader. New York: Brasil Blackwell, 1986.

_____. Tecnologias del yo. In.: _____. **Tecnologias del yo y otros textos afines**. Barcelona: Paidós Ibérica, 1991.

_____. **Microfísica do poder**. 12. ed. Tradução de R. Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

_____. História da sexualidade. In.: **A vontade de saber**. 12. ed. Tradução de M. T. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

_____. **A ordem do discurso**. 6. ed. Tradução de L. F. A. Sampaio. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

GOVERNO FEDERAL – **Programas de inclusão digital**. Disponível em: <<http://www.inclusaodigital.gov.br/inclusao/outros-programas>> Acesso em: 6 ago. 2007.

GREGOLIN, M. do. R. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso**: diálogos & duelos. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2006.

_____. AD: descrever – interpretar acontecimentos cuja materialidade funde linguagem e história. In.: NAVARRO, P. (Org). **Estudos do texto e do discurso**: mapeando conceitos e métodos. São Carlos: Claraluz, 2006a.

GUERREIRO, E. P. Cidade digital: infoinclusão social e tecnologia em rede. In.: **cidade digital**. Disponível em: <<http://evandroprestesguerreiro.zip.net>>, publicado em 5 ago. 2007. Acesso em: 10 abr.2009.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Ezequiel T. Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

KLEIMAN, A. B; VIEIRA, J. A. O impacto identitário das novas tecnologias da informação e comunicação (internet). In.: MAGALHÃES, I.; GRIGOLETTO, M.; CORACINI, M. J. (Orgs). **Práticas identitárias: língua e discurso**. São Carlos: Claraluz, 2006.

LIMA, G. A. B. de O.; PINTO, L. P.; LAIA, M. M. de. **Tecnologia da informação: Impactos na sociedade**. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/viewPDFInterstitial/1699/1450>>publicado em 2002. Acesso em: 5 jan. 2009.

LIPOVETSKY, G. & Charles, S. **Os tempos hipermodernos**. Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MORAN, J. M. Contribuições para uma pedagogia da educação online. In.: SILVA, M. (Org.). **Educação online: teorias, práticas, legislação, formação corporativa**. São Paulo: Loyola, 2003.

NIETZSCHE, F. W. **Os pensadores: obras incompletas**. 3. ed. Tradução de R. R. Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

NOVA, C.; ALVES, L. Estação online: a “ciberescrita”, as imagens e a EAD. In.: SILVA, M. (Org.). **Educação online: teorias, práticas, legislação, formação corporativa**. São Paulo: Loyola, 2003.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1987.

PACHECO, O. M. C. de A. **Sujeito e singularidade: ensaio sobre a construção da diferença**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

PÊCHEUX, M. A AD: três épocas. In.: GADET, F. & HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethânia S. Mariani. Campinas: Unicamp, 1990.

_____. **Discurso: estrutura ou acontecimento**. 4. ed. Tradução de E. P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2006.

PERIPATO, P. **A representação discursiva da identidade do adolescente no folhateen**. Disponível em: <http://www.qprocura.com.br/dp/27292/A-representacao-discursiva-da-identidade-do-adolescente-no-Folhateen.html>, publicado em out. de 2006. Acesso em: 3 set. 2008.

PETERS, O. Distance teaching and industrial production: a comparative interpretation in outline. In.: **Distance education: international perspectives**. Londres/Nova Iorque: Croomhelm/St. Martin's, 1983.

PORTAL EDUCAREDE. Disponível em: <http://www.educarede.org.br>. Acesso em 2008/ 2009/ 2010.

RAMAL, A. C. Educação com tecnologias digitais: uma revolução epistemológica em mãos do desenho instrucional. In.: SILVA, M. (Org.). **Educação online: teorias, práticas, legislação, formação corporativa**. São Paulo: Loyola, 2003.

RELLY, T. O'. Web 2.0. In.: **Professor 2.0**. Disponível em: <<http://www.educarede.org.br>>, publicado em 23 jun. 2008. Acesso em: 10 nov. 2008.

SANTOS, E. O. dos S. Articulação de saberes na EAD online. Por uma rede interdisciplinar e interativa de conhecimentos em ambientes virtuais de aprendizagem. In.: SILVA, M. (Org.). **Educação online: teorias, práticas, legislação, formação corporativa**. São Paulo: Loyola, 2003.

SCHETTINO, T. S. Governo investe em programas para aumentar acesso à informática. **Portal ministério das comunicações**. Inclusão digital. Disponível em: <http://www.idbrasil.gov.br/noticias/notflp5>. Acesso em: 10 ago. 2008.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. Recursos tecnológicos. In.: SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais: ciências naturais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

SILVA, M. (Org.). **Educação online: teorias, práticas, legislação, formação corporativa**. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. Criar e professorar um curso online: relato de experiência. In.: SILVA, M. (Org.). **Educação online: teorias, práticas, legislação, formação corporativa**. São Paulo: Loyola, 2003a.

SOARES, E. **Professores se preparam para chegada da banda larga em 56 mil escolas no Brasil**. Disponível em: http://wnews.uol.com.br/site/noticias/materia_especial.php?id_secao=17&id_conteudo=636&id_coluna=9, 14 maio 2008. Acesso em: 10 ago. 2008.

TEIXEIRA, M. **Análise do discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem de sentido no discurso**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

TOSHIO, A. **A inclusão digital no Brasil**. Disponível em: http://imasters.uol.com.br/artigo/5004/gerencia/a_inclusao_digital_no_brasil/ 31 out. 2006. Acesso em: 10 set. 2008.

VALENTE, J. A.; SILVA, T. M. T. Gomes. A capacitação de servidores do Estado via cursos online: adequando soluções às diferentes demandas. In.: SILVA, M. (Org.). **Educação online: teorias, práticas, legislação, formação corporativa**. São Paulo: Loyola, 2003.

VEIGA-NETO, A. **Foucault e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

Blogs – Também conhecidos por Weblog é uma página da Web cujas atualizações (chamadas *posts*) são organizadas cronologicamente (como um diário). Estes *posts* podem ou não pertencer ao mesmo gênero de escrita, referir-se ao mesmo assunto ou ter sido escritos pela mesma pessoa. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Blogs>) .

Chats - que em português significa "conversação", ou "bate-papo" usado no Brasil, é um neologismo para designar aplicações de conversação em tempo real. Esta definição inclui programas de IRC, conversação em sítio *web* (*webchat*) ou mensageiros instantâneos. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Chat>).

Comunidades virtuais - é uma comunidade que estabelece relações num espaço virtual através de meios de comunicação a distância. Caracteriza-se pela aglutinação de um grupo de indivíduos com interesses comuns que trocam experiências e informações no ambiente virtual. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Comunidade_virtual).

E.mail - é um método que permite compor, enviar e receber mensagens através de sistemas eletrônicos de comunicação. O termo e-mail é aplicado tanto aos sistemas que utilizam a Internet e são baseados no protocolo SMTP, como aqueles sistemas conhecidos como *intranets*, que permitem a troca de mensagens dentro de uma empresa ou organização e são, normalmente, baseados em protocolos proprietários. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/E-mail>).

Fórum de discussão - é uma ferramenta para páginas de Internet destinada a promover debates através de mensagens publicadas abordando uma mesma questão. Os fóruns de discussões basicamente possuem duas divisões organizacionais, a primeira faz a divisão por assunto e a segunda uma divisão desse em tópicos. As mensagens ficam ordenadas decrescentemente por data, da mesma forma que os tópicos ficam ordenados pela data da última postagem. (http://pt.wikipedia.org/wiki/F%C3%B3rum_de_discuss%C3%A3o).

Lista de discussão - é uma ferramenta gerenciável pela Internet que permite a um grupo de pessoas a troca de mensagens via e-mail entre todos os membros do grupo. O processo de uso consiste no cadastramento da lista, por exemplo, no Yahoo, um dos sítios que oferece o serviço gratuitamente, e após, no cadastramento de membros. Uma mensagem escrita por membro e enviada para a lista réplica automaticamente na caixa postal de cada um dos cadastrados. Há também a opção de estar-se cadastrado e fazer a leitura em modo Web, ou seja, sem receber os e-mails da lista no e-mail. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_discuss%C3%A3o).

Podcast – É uma forma de publicação de arquivos de mídia digital, uma espécie de blog em áudio. (pt.wikipedia.org/wiki/Podcasts).

Site – Um lugar na Internet onde uma companhia, uma organização, uma universidade, etc. coloca informações: a website. (A place on the Internet where a company; an organization, an university, etc. puts information: a website. Oxford Advanced Learner's Dictionary).

Youtube – **YouTube** é um site que permite que seus usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital. (pt.wikipedia.org/wiki/YouTube)

Homepage _ Uma página criada por um companhia , uma organização, instituição, etc. na World Wide Web que conecta uma página a outra, mostra como pode ser feita essa conexão. (The main page created by a company, an organization, institution, etc. on the World Wide Web from which connections to other pages can be made. Oxford Advanced Learner's Dictionary).

Layout _ Uma maneira pela qual as partes de alguma coisa são organizadas, (The way in which the parts of sth such as the page of the book, etc. are arranged. Oxford Advanced Learner's Dictionary).

Microblogs _ Um blog onde há uma postagem breve. (A blog on which one posts brief, frequent updates on one's activities; To post on a microblog such as Twitter en.wiktionary.org/wiki/microblog).

Pbwiki _ Serviço on-line para criação de wikis e compartilhamento de informações de projetos ou educacionais.(<http://www.baixaki.com.br/download/pbwiki.htm>).

ANEXO
DEPOIMENTOS

ANEXO A

DEPOIMENTOS

DEPOIMENTO 1

Fórum: [Internet na Escola](#)

SOU UMA PROFESSORA 1.0

Enviada em 22/09/2008 - 17: 44

O MUNDO TECNOLÓGICO TALVEZ TENHA ME CLASSIFICADO COMO UMA PROFESSORA 1.0. MEU TRABALHO APENAS ESTÁ COMEÇANDO COM O COMPUTADOR NA SALA DE AULA. NOSSOS RECURSOS ENQUANTO ESCOLA SÃO MUITOS ESCASSOS E DE DIFÍCIL ACESSO, NEM MESMO O USO DA INTERNET É DE NOSSO ALCANCE FICA RESTRITO SOMENTE AO USO DOS BUROCRATAS DA ESCOLA. O QUE PARA ESCOLA É MAIS IMPORTANTE? O SERVIÇO BUROCRATA DA SECRETARIA OU O ACESSO DOS PROFESSORES HÁ UM MUNDO ILIMITADO DE OPORTUNIDADES?

Branca Rosado

brancarosado@gmail.com

[Responder mensagem](#)

DEPOIMENTO 2

Papel do educador e as mudanças ocorridas com a inserção da tecnologia na escola.

Enviada em 14/10/2008 - 22: 46

Oi Maria Emília

Concordo quando usas os termos “utilize as informações de forma responsável” , pois também acredito que o uso da tecnologia na educação, pode servir para mudar o contexto de uma educação de repasse de conhecimento onde o professor é o dono do saber, mas os recursos tecnológicos disponíveis nas escolas não devem ser encarados como instrumentos por si só, devem estar inseridos dentro de uma proposta de ensino-aprendizagem e não como forma de um mero passa-tempo. Dependendo da postura do educador a tecnologia se torna aliada no sentido de oferecer novas formas na construção do conhecimento, tendo como pontos positivos a interação e a rapidez na obtenção das informações.

Fátima Feijó da Silveira (fat.silveira@gmail.com)

DEPOIMENTO 3

Papel do educador e as mudanças ocorridas com a inserção da tecnologia na sala de aula.

Enviada em 02/09/2008 - 11:40

Com certeza muda e muito as nossas aulas. É importante que o professor se atualize pois os alunos já dominam na sua maioria o computador. As aulas se tornarão mais atrativas e com certeza mais atualizadas. As tecnologias tem contribuido muito para a educação.

leila vanessa lopes montini

lpoesmontini@gmail.com

DEPOIMENTO 4

Papel do educador e a inserção do computador

Enviada em 25/08/2008 - 19:46

Caros colegas

O comportamento para muitos de nós e que acredito, precisamos vivenciar, é o de observador desta nova experiência pedagógica que esta acontecendo. Os colegas que já vivenciam com certeza podem relatar melhor a mudança de comportamento humano evidenciada pelas possibilidades que as redes e sistemas de comunicação em interação geram. O ser e o estar ficam reativizados, a dinâmica das interações nos coloca sempre diante do novo.

Esta nova forma que se apresentam as idéias nos coloca em continua mudança de esquemas mentais. Nos põem no compromisso do ato de pensar, não basta assistir, lembrar ou imaginar. A ação é o foco. Vamos nos integrar às possibilidades, a pluralidade.

Colabore com sua individualidade para que possamos criar uma nova forma de coletividade participativa e democrática. Quem tem acesso a informação pode desenvolver o conhecimento e conhecer e opinar sobre a verdade e desenvolver a verdadeira democracia.

Prof. Gravato - Turma 5

Luis Filipe Ferreira Gravato

gravato.professor@gmail.com

DEPOIMENTO 5

Eu quero utilizar a Web2.0

Enviada em 20/09/2008 - 17:29

Estou interessada em experimentar e chamar os colegas a experimentarem uma wiki para elaborarmos os projetos pedagógicos de uma forma mais colaborativa, já que o espaço virtual tem se mostrado mais promissor para nossos encontros do que a própria escola. Acredito que exista uma tendência a sermos mais objetivos quando estamos postando uma mensagem, devido a reflexão necessária ao ato de escrever... O que é mais complicado em ambientes presenciais.

Tentei utilizar blogs para postar conteúdos e estimular a escrita dos alunos através de comentários, mas como o acesso possível é através da escola e estamos sem conexão, a coisa anda meio parada...

Outros recursos ainda estou conhecendo. No momento tenho mais informação do que consigo processar, portanto, eu diria que tenho uma mente aberta para a Web 2.0, mas ainda funciona em um corpo Web1.0.

Conceição de Maria L R Guimarães

conceicaodemariarosa@hotmail.com

DEPOIMENTO 6

usuária da web 2.0

Enviada em 02/09/2008 - 15:50

Olá José Carlos!

Eu fui uma usuária da web 2.0 desde 2006 efetivamente quando conheci a ferramenta colaborativa pbwiki. A partir do desenvolvimento de ambientes para provocar a interação entre escolas e professores tenho buscado na web 2.0 a exploração de todos os espaços possíveis que permitam isto. Blogs, pbwiki, etc..

Uma tentativa deste trabalho pode se visto em <http://www.escolas-online.pbwiki.com>

Agurdo comentários sobre o espaço,

abraço,

ANEXO B

ANEXO B

<<EducaRede>> - Microsoft Internet Explorer

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Endereço <http://www.educarede.org.br/educa/index.cfm> Ir Links >>

educarede **Buscar**

Fundación *Telefónica*

:: Home

Usuário

Usuário

Senha

Entrar

Esqueci minha senha

Cadastro no EducaRede

Canais

Comunidades

Internet na Escola >

Recursos Educativos >

Revista EducaRede >

Serviços >

Multimídia

Ferramentas

Bate-Papo

Fórum

Galeria

Oficina de Criação

EducaRede em um clique

Destaques da semana

Conheça o Portal Global EducaRede

Rede Social Minha Terra

Conheça as produções dos participantes do projeto em 2009 e deixe seus comentários. Em breve, teremos a edição Minha Terra 2010. Aguarde novas informações!

ESPECIAL INTERNET SEGURA 2010

Plantão da cidadania na web

O CGI (Comitê Gestor da Internet) promoveu encontro com especialistas para tirar dúvidas de internautas sobre o uso seguro da web. Assista ao vídeo: [parte 1](#) e [parte 2](#).

Privacidade na web é tema de encontro

Debate sobre questões ligadas à liberdade na rede e investigação de crimes digitais reuniu Ministério Público, Polícia Federal e sociedade civil. Confira o vídeo: [parte 1](#) e [parte 2](#).

Publicações EducaRede

fale com **educarede**

Blog do educarede

Redes Sociais

gerações interativas

Novidades do Portal Global EducaRede

Até o meio do ano, usuário terá acesso a uma infinidade de recursos: comunidades virtuais, blogs, wikis, fóruns, notícias e projetos dos oito países onde o EducaRede atua. [Saiba mais.](#)

ATUALIDADES

> [Agenda](#) - eventos em todo o país

> [Blog EducaRede por Aí](#) - histórias e relatos

MULTIMÍDIA

Concluído

Internet

01:07